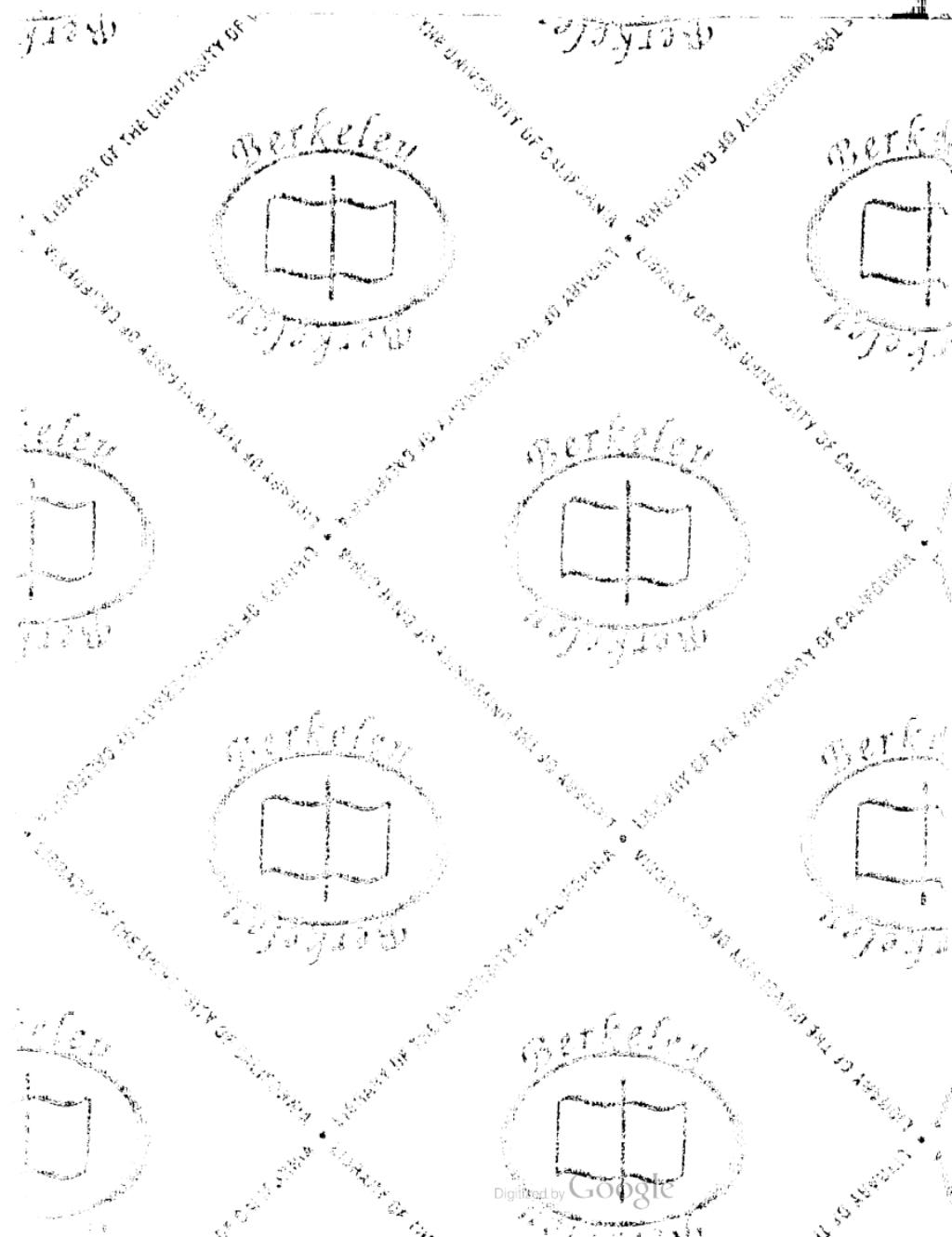
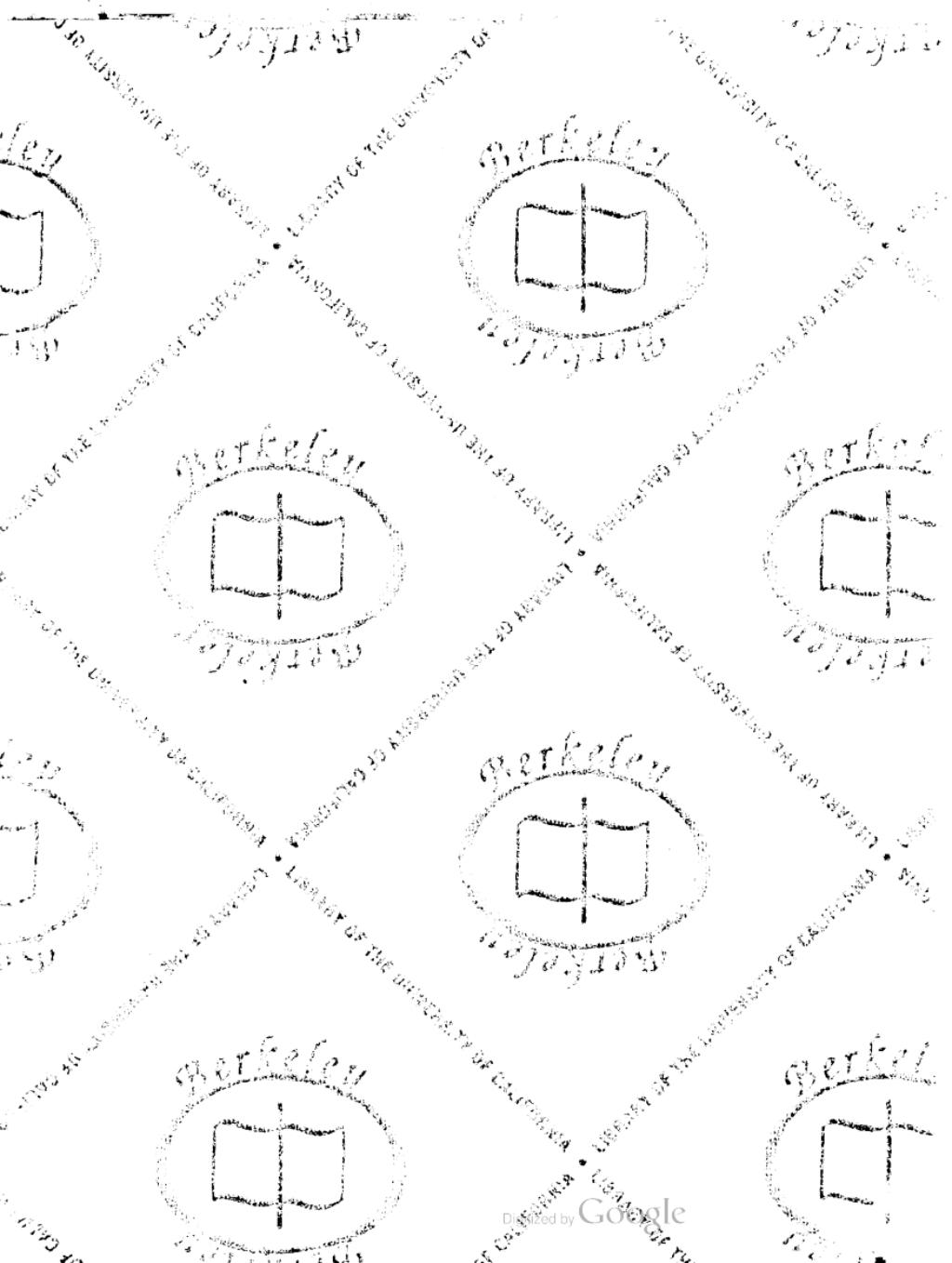


MONTEIRO LOBATO & CIA.
EDITORES • S. PAULO • 1928





Benjamin Mather Woodbridge, Jr.
Sao Paulo, 1944.

MUNDO DA LUA

MONTEIRO LOBATO

M U N D O
D A
L U A



**MONTEIRO LOBATO & CIA.
EDITORES - S. PAULO - 1923**

V. 111

Do mesmo auctor

- URUPÊS, contos 9.^a ed. — 30 milheiros.
CIDADES MORTAS, contos, 4.^a ed. — 17 milheiros.
NEGRINHA, contos, 3.^a ed. — 15 milheiros.
ONDA VERDE, impressões, 2.^a ed. — 8 milheiros.
IDÉAS DE JÉCA-TATÚ, critica, 3.^a ed. — 12 milheiros.

Para creanças

- R. 6
3/12/18*
- NARIZINHO ARREBITADO — 60 milheiros.
FABULAS — 10 milheiros.
O SACY — 5 milheiros.
O MARQUEZ DE RABICÓ — 5 milheiros.

Justificação

PQ
9697
159
MB
1923
MAIN

MEU maior amigo chamava-se Helio Bruma. Com elle convivi em intimidade estreitissima até aos vinte annos. Por abi, como a "vida pratica" me acenasse e fosse elle o mais impenitente dos contemplativos — vulgo pateta, separamo-nos de boa cara. Helio abraçou-me, dizendo:

— Adeus. Mudo-me para Marte.
— ?!...

— Sim, Marte, o planeta. Tinha um amigo na Terra, tu; mas vejo-te mudo, cheio de idéas praticas, de olhos ferrados na victoria. Isso fatalmente nos separará no correr do tempo. Ora, se tem de ser assim amanhã, precipitemos os acontecimentos: seja boje. Adeus! Como

lembraça deixo-te o meu diario. Casate, procrêa, ganha dinheiro, sê feliz. Quando deres de engordar, lê-m'o. Adeus!

Disse e sumiu-se.

Por muito tempo conservei na gaveta o diario do meu amigo. Pesava-me, e a balança accusava sempre cincuenta e seis kilos. Agora que accusa cincuenta e nove, julgo-me em ponto de bala para folhear o mysterioso calhamaço. Faço-o, e encontro pequeninos quadros, paizagens, retratos, instantaneos psychicos, sonhos, idéas, revoltas, azedumes. Gaveta de sapateiro d'um menino que promettia.

E resolvo dal-o a publico, escolhendo quanto baste á prova de que Helio fez bem em mudar-se de mundo. Um contemplativo! Um patéta que se por aqui ficasse acabaria de cabelleira, a sonhar mundices da lua.

M. L.

Creanças.

AS primeiras impressões da vida, começada a folhear como a grande album de figuras...

Tem tres annos o filho do meu vizinho. Está no periodo encantado em que se voltam as primeiras paginas do livro da vida, as paginas de côn onde apparecem o boi, o cachorro, o cavallo, os gatos. Adora-os e sempre que pode planta-se á janella á espera de bichos. Bate palmas se avista um, longe, e espera-o attento, labios entreabertos, nesse enlevo das creanças que é metade medo, metade surpresa.

Bois, conhece-os a fundo, visto que móra fronteiro a um armazem onde todos os dias batem carros vindos das fazendas proximas. Mas só os conhece assim, na canga, jungidos ao carro, formando um bloco cheio de pernas, chifres, fueiros e rodas. O boi é para elle esse con-

juncto monstruoso, que anda, muge, roda, rechina.

Ora, aconteceu que passou pela rua um boi solto. O menino empertiga-se, franze a testa, abre a bocca e, num passo, grita para dentro:

— Mamãe, venha ver um boi sem rodas!...

Originalidade.

ORIGINALIDADE marcada, só nos homens da roça, que não leem jornaes. Idéas proprias, pontos de vista unicos, personalissimos, e a sublime coragem do pittoresco mental.

Nas cidades grandes o jornal ingerido pela manhã desoriginaliza, bota-nos a todos bitolados pela mesma regra de pensar.

A opinião publica só existe nos lugarezos. Nas capitaes desapparece substituida pela opinião que se publica.

Moeda.

ESQUECEM os economistas de enumerar entre as moedas a mais curiosa de todas e a que, em longo periodo da historia, teve poder acquisitivo superior ao do ouro: as indulgencias.

Com indulgencias, saque sobre a vida futura, pagava o clero o salario dos obreiros constructores das cathedraes e quantos outros serviços exigia do povo.

Origem do papel-moeda — promessa de pagamento...

Balzac.

DESIGUAL, Balzac, e irregular como a propria natureza: caracteristica dos verdadeiros genios. Em "Cousine Bette" ha de tudo — o bom, o mau, o sublime, o mediocre. O remate do roman-

ce inspira impetos de arremessar o livro pela janella. Ponson du Terrail puro, e réles. Aquelle typo do Montezanos é operetesco. O de Adelina principia sublime e desfecha no comico. Mas Bette! Que inteiriça, que formidavel creação é! Como lembra Shakespeare! E Valeria, a satanica *mme* de Marneffe? A scena em que tira da cabeça de Crével a idéa de fornecer os 200.000 francos pedidos pela baroneza de Hulot, é scena-apogeu de que só os grandes são capazes. "Et elle frola le visage de Crével avec ses cheveux en lui tortillant le nez.

— Peut-on avoir un nez comme ça, reprit elle, et garder un secret pour sa Vava-lé-lé-ri-rie!...

Vava, le nez allait à droit; lélé, il était à gauche; ririe, elle le remit en place."

Dez paginas que bastam para alicerces duma gloria.

O contraste de Balzac é Zola, typo do talento. Um é chaos; outro, ordem. Um descompassa, desafina, estruge: é natu-

reza, ora céo azul, ora desfeita pela tempestade; outro, sempre sereno, é um eterno jardim, uma "coisa feita", com infinitos de logica, de disciplina e de methodo. Ambos grandes, cada qual da sua grandeza, mas um immenso — Balzac.

Molière na roça.

MOLIÈRE chegou até cá. Foi á scena hontem o Harpagão, de Molière-Castilho. E' bem topetudo o mambembe que nos delicia! Desempenhou o papel de Harpagão um actor gordo, parecidissimo com o Renan do retrato de Leão Bonnat. O homem plagiou os lances de effeito de quanto actor celebre ha creado esse papel e impingiu-nos uma salada de batatas levada da bréca. Os demais recitaram os versos de Castilho com sotaque de ilhéos uns, sotaque de alfacinhas outros.

O publico pouco pescou da versalha-

da. A principio muita gente murmurou: é isso francez? Tanto se está diferenciando a lingua portugueza entre nós, que versos de Castilho por boccas lusas já sabem a lingua exotica. E Castilho é poeta de hontem!

Recordando...

RECORDANDO minha vida collegial vejo quão pouco os mestres contribuiram para a formação do meu espirito. No entanto, a Julio Verne todo um mundo de coisas devo! E a Robinson? Falaram-me á imaginação, despertaram a curiosidade — e o resto se fez *da se*.

Julio Verne levou-me a Humboldt, e depois á Geographia e ás demais sciencias physicas e sociaes. Foi o apperitivo. Entreabriu-me as cortinas do mundo como coisa viva, pittoresca, composta de paizagens e dramas. De posse dessa

visão, e esporeada pela imaginativa, a intelligencia "comprehendeu e quiz saber". Que menino, após a leitura de *Keraban, o cabeçudo*, não corre spontaneamente a abrir um atlas para ver onde fica o Bosphoro?

A intelligencia só entra a funcionar com prazer, efficientemente, quando a imaginação lhe serve de guia. A bagagem de Julio Verne, amontoada na memoria, faz nascer o desejo do estudo. Supportamos e comprehendemos o abstracto só quando já existe material concreto na memoria. Mas pegar de uma pobre creança e pol-a a decorar nomes de rios, cidades, golphos, mares, como se faz hoje, sem este prepero da intelligencia por intermedio da imaginação, chega a ser criminoso. E', no entanto, o que se faz!... A arte abrindo caminho á sciencia: quando comprehendêrão os pedagogos que o segredo de tudo está aqui?

O beijo das moças.

AS moças entre-beijam-se porque não podem morder-se umas ás outras. O beijo d'ellas é a evolução da dentada da pre-avó macaca.

Um contador.

O commendador Clarineta tem memoria de anjo e sabe contar com emphase e colorido. Especializou-se nisso a ponto de ir ás casas... contar romances.

— *Os Filhos do Capitão Grant*, por Julio Verne, traducção de M. Cardoso, Volume 1.º, capítulo 1.º — *A America do Sul*.

E começa, pa, pa, sern esquecer um só episodio. Nos pontos illustrados de gravuras, interrompe a narrativa:

— Ha aqui uma figura, representando um selvagem amarrado á bocca de uma

peça; em baixo diz: *Amanhã, ao romper do dia, pum!* Passemos agora ao terceiro e ultimo volume...

As creanças.

AS creanças desadoram os brinquedos que dizem tudo, preferindo os toscos nos quaes a imaginação collabora. Entre um polichinello e um sabugo acabam conservando o sabugo. E' que este ora é um homem, ora uma mulher, ora é carro, ora é boi — e o polichinello é sempre um raio de polichinello.

Os "inimigos".

O velho fazendeiro Mingote denomina aos camaradas "inimigos".

— Um inimigo chega, pára á porta, bate com o porretinho no chão, enfia nelle o chapéu, encosta-o á parede, tran-

ça o pé e espera. Apparece o patrão.
 “ — Então, como vae o serviço, sêo Zé, muito adeantado? — “Chi, patrão, uma paulama...” “E você não se lembrou de trazer um feixinho, hein? — “Uma dôr aqui na cacunda...” — “Nem um palmito...” — “O machado está que está que não corta nada...” — “Nem uma penca de maracujás!” — “Rapcsa comeu tudo...”

Camões.

*NÃO se aprende, Senhor, na phantasia:
 Sonhando, imaginando ou estudando;
 Senão vendo, tratando e pelejando.*

Dizia-o Camões, porque de experencia propria o sabia. Tristes os que apren-dem nos livros, dentro da clausura morna dos gabinetes! Um só livro, existe: a Vida; um só gabinete, a Natureza. Mas criaturas ha que nascem algemadas e passam a vida tentando romper as pul-

seiras. Outras nascem com asas. Líberrimas e movediças — os furões da vida, só estas vivem, e sabem da vida alguma coisa.

Cidades mortas.

UMA ex-cidade, Oblivion. Foi, não é.

Vive a vida musculo-nervosa das succurys ás quaes rebentaram o craneo. Duram dias assim, as serpentes, vitalizadas pelas reservas nervosas em accumulo e morrem com a lentidão da lagoa que o sol enxuga.

Da ironia.

A ironia é a maldade dos revoltados, dos mal feitos, das criaturas tortas d'alma ou corpo, Popes, Leopardis, Scarrons... E' uma vingança ininterrupta que deflue como fio d'agua venenosa... e

deliciosa para os que, tambem feios d'- alma e corpo, não podendo exercel-a, regalam-se no gosal-a. Os homens bellos, perfeitos de alma e corpo, não ironizam. E' que não vivem no perenne estado de revolta que estilla esse alcaloide grego — *a eironeia*.

Documento humano.

CHÉRIE. Ninguem melhor definiu os Goncourt do que elles proprios. Dois fabricantes de relatorios inqueritoriaes. A arte *documento humano*. *Chérie* não é criação subjectiva; é manequim a que se foram juxtapondo mil observaçõezinhas, mil *d'après* colhidos de todos os lados. A sensação que dá esta arte escrava de receitas positivas é igual á das figuras de cera, com cabellos de verdade, côr e o mais. Semelhante fidelidade de copia, em vez de sensação de vida, produz a impressão da morte.

Leituras.

ULTIMOS dias de Pompeia, de Lytton.

E' a *Aphrodite* de Pierre Louis sem a coragem da nudez. Lytton, um lord, subordina sua esthetica ao *cant*. O classico mau, o classico bom, o classico feiticeiro, a classica victoria do bem, o classico e falsissimo christianismo inicial.

Que superioridade a de Merejkowski que tão bem soube, no *Juliano*, restaurar com verdade philosophica o nascimento do christianismo!

Ao luar.

QUARTO crescente. Oblivion dorme sob o luar. Pascem no céu carneirinhos brancos, e na terra só os grilhos picam a doçura do silencio.

O cerebro adormece. Nossa eu annulla-se. Sentimo-nos despersonalizados,

simples cellulas integradas num corpo immenso.

Estado de felicidade extatica, como deve ser a felicidade das arvores, das aguas, das pedras, das coisas todas que mereceram o premio de não ter nascido homem.

Paizagem.

C HEGUEI á janella e vi um homem em mangas de camisa, pé no chão e pito na bocca, levando á cabeça uma bandejinha de flores. Doces? Firmei a vista. Não. "Anjinho", rumo ao cemiterio. Teria o tamanho d'uma boneca de palmo e meio e dormia sobre uma tampa de caixa, cercado de bogarys e saudades brancas.

Passou, desappareceu lá ao fim da rua.

.....
Sol de rachar. Céu de azul que parece tinir. Mormaço.

Um negrinho em fraldas, espapaçado na poeira, bate varadas em misera abelha semi-morta.

Ninguem. Tudo deserto. Silencio.

Surge um vulto. E' a preta maluca que vive ao sol. Pára, coça o corpo magro, que os frangalhos mal escondem. A filhinha ao lado brinca com sabugos.

Homem houve que lhe fez aquella filha!...

Triste, o quadro? Modorrento apenas, e bem "cidades mortas"...

Brancuras.

HONTEM anjinho, hoje noivinha.
Morreu tuberculosa, com dezoito an-
nos e passou acompanhada de muitas mo-
ças e meninas vestidas de branco, numa
profusão de jasmins do Cabo, margaridas
brancas, bogarys, cravos brancos, came-
lias brancas. Ao sol, o cortejo de bran-

curas scintillava como chovido de neve.

— Como se chamou, em vida? indaguei.

— Branca.

O povo.

NEM o *reis*. E' a expressão forte de nossa criada. Fala sozinha, passando roupa: — Pegam me amolar? Pois vou-me embora. E lá de minha casa quem me tira? Nem o *reis!*...

Talvez por causa do dia de reis o povo suprimiu o singular dessa palavra. Em toda parte a ouço singularizada assim: o *reis*.

Visão lateral.

A atenção, o prazer com que ouvimos observações relativas ao nosso carácter.

Habituados a ver-nos sempre do mes-

mo ponto, no mesmo espelho, interessa-nos sobremaneira a visão lateral, ou pelas costas, que apanha aspectos difficilmente perceptíveis por nós mesmos.

Idade media.

O BLIVION todinha, das cozinheiras ao promotor, acudiu hontem á janella quando chegou dona Briolanja de Lemos. Vinha em trole coberto, puxado por duas juntas de bois, seguida do filho e mais um pagem, ambos a cavallo.

E' bem a senhora a feudai que de longe em longe dá a honra de sair do seu castello e vir espairecer entre a peonagem arranchada na pequenina *urbs*, nascida e crescida á sombra delle.

Lindo! Lindos este respeito, esta veneração, este prestigio de familia nobre que sabe impor-se ainda na decadencia.

Seu castello — sua fazenda — nada vale, quasi tapera que é. Em riqueza

vence-a qualquer italiano secco-molhado dista da *urbs*. Mas a fazendeira é a mesma fidalga de outr'ora, medieval e hieratica, deante de cuja majestade a peonagem liberta dobra a espinha, naturalmente.

Linhas tortas.

O major Eliezer, fazendeiro ricaço, agoniza durante cinco annos. E durante cinco annos tece-lhe em torno uma rede de intrigas ferozes a corvoalha dos herdeiros. O matreiro velho, do leito de paralyticó, segue o trama e ausculta aquella ancia collectiva pelo seu fim. E prepara sua vingancinha, testando ás escondidas em favor da unica affeição sincera que teve na vida, uma *torta* que criou como filha e que lhe quer como pae.

Morre, enfim e sôa o toque de avançar. Decepção. O testamento impre-

visto impede o assalto. Mas *il y a des accommodements...* O testamento desapparece. A torta é expulsa da fazenda, vae mendigar, e o dinheiro, como sempre, cae nas mãos do mais esperto.

Pois muito bem. Esse pirata cuida de dotar Oblivion de grandes melhoramentos que a todos beneficiarão. Aquelle dinheiro morto, inutil em vida do velho fazendeiro, vae desempenhar uma função social preciosa, que não teve em mãos do ajuntador nem teria nas da sua legataria.

As linhas tortas...

Solidão.

SOLIDÃO mental... Sinto-a completa aqui.

O cerebro embolora. Nenhum irmão de idéas. Impossivel esse prazer delirante de pôr a intelligencia em mangas de camisa deante de outra, sua affim, e

deixa-a cabriolar livremente, como potro insoffrido escapo ás contingencias da báia.

Novidade.

O encanto das relações novas, em estação de aguas, a bordo ou no trem, reside na troca das impressões mais pessoas, mais vividas, mais pittorescas, unicas interessantes. O prolongamento da convivencia esgota, obriga á banalidade ou á repetição — e adeus encanto dos primeiros dias!

Sensação.

MADRUGADA para apanhar o nocturno. Ao sair precipitadamente do hotel, o ar frio da noite gelou-me o rosto nos *lugares mal enxutos*. Existe a correspondente moral desta sensação: as indirectas

que nos ferem os pontos mal enxutos da consciencia.

Do direito.

SE o direito representasse um reverbero da Justiça, como a sonham philosophos, o direito *indurar-se-ia* na consciencia de cada homem, confundindo-se com a moral e dispensando a sancção. Porque existem hoje, como outr'ora, como sempre, tantos infractores das leis? Porque taes leis só representam conservação, permanencia, *statu quo* de facto e nunca uma pura emanacão da Justiça.

As locuções populares.

SOFFREM as locuções populares, plebás, as injuncções da moda como tudo o mais. Nascem, propagam-se com rapidez espantosa e morrem esquecidas.

Uma ou outra vinga sobrevivencia e penetra na lingua. Vi nascer nestes ultimos tempos boa quantidade dellas: *O' ferro!* *Nunca vi tanto aço!* — *Talvez te escreva.* — *Volte amanhã.* — *"tá bom, deixe.* — *Fala-me logo á sabida.* — *E durma-se* — *Mamãe, olhe a cara delle!* — *Dinheiro baja, senhor barão!* — *P'ra burro* — *A' bessa.* Nascem em geral no Rio, afloram o theatro, expandem-se pela imprensa, dão volta ao paiz inteiro e morrem.

O mesmo se dá com as musicas, as modinhas e as pilherias. Propagam-se como ondas sonoras. A *Caraboo* foi cantada e assobiada por milhões de pessoas, numa verdadeira séca. Desbancou-a a *Canção do soldado*, por sua vez batida pela *Cabocla do Caxangá*. Daria obra interessantissima o historico dessas criações populares, sua evolução, sua função, sua morte. Vivem intensamente e morrem de pedra e cal. A *Caraboo*, quem a assobia hoje? Quem a tolera?

São em geral lindas creações, victimas das suas proprias qualidades. Prostituem-se. Viram "coisas atôas", coisas comprometteradoras. Os maiores aficionados acabam repudiando-as, forçados por injuncções da moral. O cantal-as torna-se até acto indecente...

O velho e a "estrella"

QUANDO aporta a Oblivion um circo de cavallinhos, grande reboliço na creançada e nos velhos. O commendador Clarineta, 70 invernos, ha tres dias que não fala noutra coisa, piscando o olho emmoldurado de pés de gallinha. Anda tonto com o "pername" da "estrella" do trapezio.

— Que pernas! diz, á mesa, num tom de Vesuvio em vespera de erupção. Que modelado!

Dona Maria, a esposa, gorda velhota já nos sessenta, xinga-o de "velho atôa

que não se enxerga...” E elle, a cofiar o cavanhaque, pisca maliciosamente:

— Que importa a casca se a madeira é de cerne?

Doloroso.

UM pae que viveu mezes amasiado com a filha — é o caso sensacional da semana.

Fui espial-o á cadeia. Velho de 56 annos. Bebe. Confessa o facto com a maior naturalidade, espantado de que o retenham preso por tão pouco. Trabalhador, aliás. E' quem moureja no eito e sustenta a prole inteira.

A sociedade exige que o encarcerem por oito annos. Quer, pois, que se inutilize a elle e que se lance na miseria a familia.

E fica a gente a reflectir sobre o mal maior — crime ou pena...

Sempre doloroso.

ESTRANHO parentesco o do entezinho
a formar-se desse incesto. Filho de
sua irmã, neto e filho de seu pae...

O juiz classico.

O juiz da comarca vizinha tem a alma
classica dos juizes. Odeia o criminoso
e quer a pena como castigo. Não vê no
delinquente a miseravel creatura tarada;
vê o delicto, a letra da lei.

No entanto, não ha crimes, ha apenas
criminosos.

Livros.

DE *L'Orient Vierge*, de C. Mauclair, vi-
são politica do anno dois mil, certa
palavra me ficou: *l'éclair engourdi*. Li-
vro que deixa uma palavra já deixou
alguma coisa.

Ambientes.

NÃO concebo artista capaz de construir obra valiosa se reside em cidade pequenina, marasmada. Só nos grandes centros ha ambiente para a creatividade, uma excitação cerebral continua, formada pelos mil *stimulus* urbanos. Na roça o cerebro *assenta*, como liquido vascolejado posto a repousar.

Cabecinha de boneca.

TONICO viu em certa revista a micro-photographia duma pulga. E conta-o ao irmão menor, na sua linguazinha pittoresca.

— E' cheia de ossinhos por dentro! Tal qual a gente...

O outro ouve, dubitativo, e resolve tirar a prova. Apanha uma pulga do *Joli*, estala-a entre as unhas e examina-a minuciosamente. Depois conclue:

— E' mentira! Pulga não tem osso. O que ella tem dentro é um estalinho!..

O manual de civilidade.

A metempsychose é um facto. O Isau-ro, da loja fronteira, já foi em outra vida manual de civilidade. Hontem vi-o dirigir-se a um dos muitos freguezes que lhe enchiam a casa e perguntar, amabi-lissimo:

— Coronel, desculpe-me, mas já lhe dei boa tarde? Nesta confusão, ás vezes...

Nautica infantil.

— Navio de pito?

— Pois é. Quero que você pinte um navio de pito. De tres pitos!

Para a ingenuidade do Gui as chami-nés dos vapores não passam de pitos ac-

cesos, e quando me pede que lhe desenhe barcos, especifica logo se é navio de pito ou não, vapor ou vela.

"Avis-rara".



O pé-gallo... A cabecinha da Ruth vive povoada de seres phantasticos, um dos quaes curiosissimo — o pé-gallo. Haverá naturalista que adivinhe que animal é este? Ella, entretanto, dissertará meia hora, na sua encantadora linguagem cheia de movimentos de mãozinhas explicativas, sobre a familia dos *pé-gallos*, maridos das *pé-gallinhas*, as quaes botam *pé-ovos* donde sahem *pé-pintos*.

Tudo vem dum annuncio americano de remedio para callos, cuja marca de fabrica figura pé humano encimado de gallinacea cabeça. Tinha o habito de abrir os jornaes no chão e, estendida sobre elles de barriga, examinar, commentando uma por uma, todas as gravuras

ou vinhetas — as cruzes das missas, o homem de picareta ás costas do Biotônico, o peixe da Emulsão de Scott, os naviozinhos da Royal Mail.

Certo dia deu com o pé cristudo do *Gets-It*, o tal remedio para callos. Franziu a testa e veio incontinentemente saber que era aquillo.

Expliquei-lh'o, pachorrentamente:

— E' o pé-gallo, uma ave que existe nos Estados Unidos.

Ruth ficou a scismar longo tempo, de olhos presos no estranho bicho.

Mais tarde, em vespera de seu dia de annos, perguntei-lhe o que queria. Não vacillou:

— Quero um pé-gallo!

— Para quê?

— Para criar aqui no quintal. Um pé-gallo e uma pé-gallinha tambem. Ha pé-gallinha?

— Como não? E ha ainda pé-ovo e pé-pinto.

— Quero! Quero! Quero tudo! e ba-

tia palmas, radiante, a imaginar a linda
criação que se desenvolveria no quintal.

A encommenda foi feita; está custan-
do a chegar; enquanto isso, Ruth der-
rama-se em projectos.

— Dou um para vôvô, um pé-pinto.
Outro para Martha, você quer, Martha,
um pé-pintinho?

E começa o sonho, na rêde, aos balan-
ços, cada vez mais fortes.

— Sabe? Calço uma botina velha no
pé-gallo. Coitado! Tem tanto caco de
vidro no quintal... E todos os sabbados
côrto a unha delle. E...

E não acaba mais a encantadora im-
provisação daquelle mundinho phanta-
stico...

Crime e Sonho

O alcool! Supprimam-no e adeus codi-
go, adeus jury, adeus prisões! Na
conta corrente do Crime seu debito é

tremendo. Mas que lindo saldo tem na conta corrente do Sonho! Supprimam-no e a tristeza da vida augmentará. Ninguem calculou ainda a somma de momentos felizes, de sonhos roseos, de extases que borbotaram do seio das garrafas.

Quadros da vida.

TARDE linda, hontem. Conversavamos á janella, eu e o Quim, sobre a acção ideologica de Ruy neste paiz e sobre a ascensão ininterrupta da grande figura nacional.

-- Sobe sempre..

— Já aquelle desce, desce sempre, disse Quim.

Referia-se ao Pedro Inchado, mendigo habitual da nossa rua. Lá vinha elle, todo farrapos, immundo. Ha mendigos decentes, que guardam a compostura da miseria. Este, perdeu tudo e é no moral tão roto como no physico. Sem camisa

— um trapo de paletó sobre o couro gafeirento; sem ceroulas — vêem-se-lhe pedaços de perna pelos buracos da calça immunda. Passou por nós e apanhou varias pontas de cigarro.

— Desce sempre. Ha mezes pilhei-o a apanhar um cigarro, mas olhava para os lados antes, a ver se era observado. Perdeu já este ultimo pudor...

Loterias.

CONTOU-NOS um velho vendedor de loterias coisas curiosas da sua vida de bufarinheiro de esperanças. Desde mocinho só fez aquillo: vender a esperança da riqueza. Já deu duas sortes grandes e varias pequenas. Uma vez...

— Uma vez aconteceu um caso interessante. A sorte andou por cá procurando quem a quizesse. Ninguem a quiz. Vendi todos os bilhetes que tinha, menos um,

o premiado. Para não ficar com esse encalhe, dei-o a um comadre meu que seguia para S. José. "Venda-o por lá". Assim foi. Um sitiante comprou-o no caminho, mas achou feio o numero e vendeu-o a um guarda-livros de lá, muito boa peça, rapaz sério, trabalhador, pae de tres filhos. Nesse mesmo dia saiu-lhe a sorte, cem contos.

O moço foi ao Rio receber o dinheiro e lá ficou, mezes, a metter o pau no cobre.

Voltou um perdido, um bebado, e hoje anda por aqui, rolando...

— Por aqui? Como se chama elle?

— Pedro. E' o Pedro Inchado. não conhece?

Varão de Plutarcho.

O visconde de Ouro-Preto termina seu protesto contra a violencia da polícia por esta phrase magnifica de orgu-

lho: "Não haverá façanha para ninguem em vencer-me, fraco que sou. Ainda não nasceu, porêm, aquelle que consiga humilhar-me."

Que retrato!

O grande theatro.

O theatro dos grandes dramas é a mentalidade, e grande arte a que, reproduzindo a mimica das creaturas, faz entrever o drama estuante no cerebro. Hamlet parece ilogico a um observador pouco fino, que procura o sentido das suas palavras em immediata relação com o que segue e o que antecede. Mas as palavras de Hamlet não respondem ao que lhe perguntam Polonio, a rainha, Horacio — respondem a elle mesmo, ás idéas que lhe sugerem os estímulos exteriores. Ophelia pergunta; esta pergunta sugere a Hamlet uma idéa e Hamlet

responde mais a essa idéa do que a Ophelia. Dahi a vaga relação formal entre o que elle diz e o que lhe dizem. A relação é puramente psychologica.

Pobre Ophelia! Que desnorteamento o seu ante as respostas "loucas" do principe amado!

Visão de Nietzsche.

NÃO forma conjunto a humanidade, quer elle, e sim multiplicidade indissolivel de phenomenos vitaes, ascendentes e descendentes — sem mocidade a que succeda maturidade e sem velhice. As camadas confundem-se, superpõem-se — e após milhares de annos poderão surgir typos de homens mais jovens do que os de hoje. A *decadencia* existe em todas as epochas: por toda a parte ha residuos e materia em decomposição; o *processus*

vital elimina esses elementos de regressão — *dejecta*.

A velhinha.

NA rua tal, á beira da cidade, mora a “minha velhinha”. Sempre que passo por lá pôrto para dois dedos de prosa. Tão pittoresca! Hontem contou-me complicadissima historia de cabra, pata e ovo de pata, a que não prestei grande atenção. Hoje, voltando, insistiu no caso. Não pude deixar de rir-me. Mora só, e na sua pobreza a pata que lhe dá ovos e a cabra que lhe dá leite constituem entidades importantíssimas, as mais importantes depois dos santos do oratorio.

Um ovo que a pata ponha é acontecimento de encher o dia e abrir ternuras n'alma.

Mas, que me contou ella da pata? Impossível recordar...

Incesto.

O novidadeiro: typo digno de ser empalhado por Thackeray. Temos um cá, de 24 quilates, o nosso pharmaceutico.

Varejou-me a casa, inda ha poucos minutos, com a novidade do dia, fresquinha, a pular-lhe da bocca.

— O cabo Tenorio, commandante do destacamento, morreu! Foi achado no caminho da Cruz Preta, cahido da egua, com a bocca cheia de sangue!

— Mas...

Não me ouviu, não me attendeu. Disparou, qual um foguete, na ansia de espalhar a noticia. Seu grande prazer é contar as novidades de primeira mão. Um *sport*. Colleciona, talvez, caras de espanto, ohs! boccas abertas, testas franzidas pelo trauma instantaneo da novidade.

Chego á janella e vejo-o radiante. Está a gosar a cara de espanto do Chico da venda...

• • • • • • • • • • • • •

Que dia cheio para o pharmaceutico!
Reapareceu-me á tarde com outra novidade.

— O Isaias enlouqueceu!

— Mas...

Isaias, o thema forçado de Oblivion ha um mez. O pae que deshonestou a filha. O incestuoso. Pois enlouqueceu hontem, e hoje pela manhã...

Foi ainda o pharmaceutico o portador da novidade:

— Suicidou-se!

— Mas...

Não consegui nenhum pormenor. Como a novidade era de vulto, o novidadeiro funcionava fulgurantemente, feito corrente electrica empenhada em ferir o maior numero de cerebros no menor espaço de tempo.

Chego á janella.

Bem cedo ainda. O relogio da igreja marca seis horas. Oblivion desperta, espreguiça-se. Duas praças entram em casa

do delegado... O coronel Casusa e os
escrivão passam, meditativos, rumo á
cadeia...

Fui tambem. Encontro o Isaias de pé, rente á grade da sua cellula. Mas pendurado... Entre os beiços roxos, certa coisa escura, á guiza de terceiro labio: — a lingua negra. Longo fio de baba desce-lhe das narinas ao chão. Olhos semi-cer-rados. Mão cahida ao longo do corpo; outra arrimada á grade. Os pés atados pelo tornozelo com um lenço côr-de-rosa e escorregados para fóra da janella, atra-vez das reixas do xadrez. Enforcara-se na ceroula.

Seu filho, soldado do destacamento, montava guarda essa noite. A's onze horas approximou-se da cellula para uma palavra ao pae. Como o encarcerado lhe não respondesse, trouxe luz e, estarrecido, deu com o horrivel quadro...

Pobre incestuoso!

Se tivesse luzes não commetteria o hor-

rendo crime. Eloquentemente lhe ensinaria a historia que o incesto só é permittido aos grandes do mundo, aos Borgias, ao imperador Augusto, a Napoleão — aos que se localizam alem das fronteiras do Bem e do Mal. Nunca foi requinte permittido a pobre...

Em 2527.

NO futuro, a obra literaria será apresentada sob forma de essencias em frasquinhos ou d'alguma especial electricidade accumulada em bobinas. Sorvendo a essencia ou pondo-se em contacto com o fluido, o leitor terá, desdobrado na tela da imaginação, o romance que o autor enfrascou ou accumulou, sentindo as mesmas emoções que o romancista sentiu.

Já em nossos tempos o alcool, o opio e outras drogas produzem visões e deliciosos estados d'alma. Indeterminados, porém, sem control possivel. No futuro,

não. A seriação das imagens será perfeitamente ordenada pelo jogo dos *stimulus*.

Não se dirá como hoje: li um romance e sim — cheirei.

— Marieta, onde poz você o *Professor Jeremias* que estive cheirando hontem?

— Cahiu das mãos da Valeria e quebrou-se.

— Mande á pharmacia comprar outro. E uns novos, *Vida Ociosa*, *Condemnados*, por exemplo.

— Fluido ou comprimido?

— Em comprimidos. Com estas criadas, impossivel uma bibliotheca fluida...

Engraçados.

FABIANO Fagundes conta casos sem rir. Chamam a isto aqui — cynismo.

— Eu vinha vindo a cavallo e parei na Volta Grande para beber. Bebi de um correço que atravessa a estrada alli. De-

pois, deu-me na telha ver por que motivo estavam os urubús descendo lá adeante. Fui. Subi agua acima. De repente, que é que eu vejo? Um burro morto dentro do corrego. Enjoei logo. Senti naseas violentas e acabei vomitando um pedaço de burro!

Todos riem, menos elle.

Velocidade.

P ASSOU Edú sobre Oblivion, em vôo rapido e altissimo. Soberbo gavião em vôo planado.

— Como vôa devagar, ouvi dizer a um papalvo, de bocca aberta no meio da rua, illudido pela altura.

Occorreu-me certa passagem de Stendhal, nas viagens. "Voici qui tient du miracle; à trois heures sonnantes, on amarre, un peu au dessus des ruines du fameux pont d'Avignon, ce bateau qui, ce matin

à cinq heures a quitté Lyon. Cela fait plus de six lieues à l'heure."

Valiam por milagre, para Stendhal, os 36 kilometros por hora, e os cento e tantos que Edú fez hoje decepcionam um imbecil...

A tolice.

O Isauro, a quem mostrei uma coleção de gravuras antigas representando obras primas classicas (o Apollo do Belvedere, a Venus de Medicis, Nio-be, Laocoonte), produziu este commentario encantador:

— Muito livres...

De Nietzsche.

C OMO crescemos em força? Decidindo-nos lentamente e aferrando-nos com tenacidade ao que decidirmos. O resto vem por si.

* * *

Todo convívio é bom quando nélle se afiam as armas existentes nos instintos.

* * *

Attingir um ponto de vista, uma perspectiva que nos faça comprehender que tudo se passa como deveria passar-se; e que toda a sorte de "imperfeição" e de sofrimento consequente fazem parte do que é *soberanamente desejável*...

* * *

Só quando a cultura enceleira excessões de forças é que pode tornar-se estufa propicia ao cultivo do luxo, da exceção, da tentativa, do perigo, do matiz: toda cultura aristocrática tende para isso.

Onomatopéa leonina.

POSSUEM os árabes uma onomatopéa para o urro do leão: *Ahna, abna...* ou *ben el mra*, que significa: eu, eu e o homem.

Vestido novo.

B ILUCA e Bilóca passaram a caminho da missa, com vestidos novos e lindos. Vão felizes. Irradiam felicidade. Não ha no mundo felicidade que valha a que os lindos vestidos novos dão a quinze annos femininos.

Crear.

A PPARECE muito cedo no homem a creatividade. A creancinha que destróe objectos, não destróe, crêa. Toma um boneco e fal-o pedaços: desdobra *um* em *varios*, crêa.

Ellas.

L OGICA dos homens: ou é sabbado ou é domingo; ora é sabbado, logo não é domingo.

Logica das mulheres: ou chove ou não chove; ora chove, logo não chove.

O amor e o silencio.

OS apaixonados sentem necessidade do silencio como alimento da alma. O rumor perturba a symphonia interna que resôa deliciosamente.

Citar.

HA sujeitos de boa memoria que não lêem, mas citam. Citam de ouviva. “Como dizia o conselheiro Duarte,” “Como disse o Lessa...”

Physiologia barata.

CADA criatura ingere diariamente a mesma quantidade de alimentos, respira a mesma quantidade de ar, eli-

mina a mesma quantidade de resíduos, e *despende a mesma quantidade de energia psychica*. Sente imperiosa a necessidade de a despender e o faz na palestra, na leitura, na meditação, em trama de negócios, em disputa, em dor moral, em exercício físico.

O sentirmos às vezes a vaga necessidade de *fazer qualquer coisa*, significa energia acumulada em estado de tensão. Dores d'alma, tejo, aborrecimento: alma tensa de energia não expandida. Quando dizemos: estou contente, com a alma leve, é que acabamos de despender, *naturalmente*, nossa medida de energia diária.

Comédias trágicas.

PAIZAGEM lugubre. Céu plumbeo de dia que parou de chover por cansaço de chover. Restos de luz moribunda, se é luz o pallor que nas tardes chu-

vosas precede ao cahir da noite. Para que nada falte ao quadro, uma serraria distante serra, serra, serra... Serra taboas e com as taboas, nossos nervos.

.

Triste como este fim de dia, o fim de casamento a que assisti ha tempos.

Estavamos á espera do café, no cartorio, fugidos á inclemencia do sol. Tres horas. Subito, assomou á porta o dr. Moreira em companhia de linda moça vestida de preto e de dois homens. Os dois homens, mais o advogado, foram cochichar com o escrivão, enquanto a moça modestamente se sentava numa cadeira recuada, de olhos no chão, sombrinha entre os joelhos, immovel.

Esgueirei-me, sorrateiro, e fui indagar do escrevente quem era.

— Mulher do Rivas. Divorciou-se e vem agora receber o que lhe coube na partilha.

— E o Rivas, qual é?

— O que está falando com o dr. Moreira. O outro é irmão.

— Irmão della?

— Sim.

O cartorio encheu-se. Entrára a bandeja de café e atrás, os filantes da praxe.

A moça apparentava impassibilidade e o marido a imitava nisso, forçando a nota, a rir, a conversar. Serviu-se de café, risonho, embora ao mexel-o se trahisse por leve tremor de mãos.

— Prompto! disse o advogado. Toca a assignar.

Assignam-se papeis. O marido abre a carteira e entrega ao escrivão um pacote de notas. O escrivão passa-o ao moço que por sua vez o entrega á irmã, dizendo de modo a ser ouvido:

— Conte!

Ella guardou na bolsa o dinheiro, depois de lançar ao irmão um dorido olhar de censura.

O advogado deu por findo o drama.

— Está tudo terminado.

O irmão tomou o chapéu.

— Vamos!

A divorciada ergueu-se e dirigiu-se até á porta. Ahi parou. Indistinctamente, adivinho-a a perguntar ao irmão: “Digo-lhe adeus?”

A resposta foi um imperioso e resoluto — “Qual!” Ella, então, cortejou a sala inteira, com um movimento de cabeça, abriu a sombrinha e partiu.

O marido assucarava nesse momento a terceira chicara de café, a um canto da sala, de costas para os circumstantes. Fingia não dar a minima attenção á partida da mulher. Mal, porém, viu-a desapparecer, depoz a chicara na bandeja e mudou de cara. Mudou a cara alegre que mantivera até alli, por outra, laivada de amargura.

Finda a comedia, tiram-se as máscaras. . .

A crueldade da natureza.

A natureza só tem um fim: a vida. Crea o homem e a mulher, dá-lhes força, belleza, illusões, saude, amor, unicamente para que, congregados, produzam a somma de vida de que são capazes. Feito isso, dá-lhes ainda a energia — instictos paternos e maternos — necessaria á assistencia da prole. Depois abandona o casal ás doenças e á morte.

Quanto amor á vida, como a vida é bella e forte quando a natureza necessita da creatura para a creaçao da vida! e como a faz má, difficult, dura, inutil, uma vez que attinge seu fim!

Justica e logica.

A idéa de justiça é creaçao puramente humana. Na natureza não ha justiça, ha logica. A natureza não é boa nem má, justa ou injusta: é logica. Vae aq

fim collimado cegamente, através de todos os obices — e vae sempre pelo caminho mais curto. A linha curva é invenção humana. Fóra do homem, ha o ponto de partida, o ponto de chegada e a recta que os une.

Ouro-força.

DINHEIRO, força social concretizada. O rico, açambarcador de força. Fulano despende energias psychicas e musculares — trabalho, e transforma-as em dinheiro — energia social latente. Da mesma forma o dynamo capta a electricidade ambiente e a accumula em bobinas. Dalli parte ella para se transmutai em luz, calor, força motora, agente therapeutico. Tambem o dinheiro parte do accumulador-rico, e se transforma em prazer, conforto, satisfação de vaidade, em tudo que é necessidade humana ou humano desejo. Socialmente o homem

não tem valor intrinseco. Vale pela quantidade de força social que detem. Rockefeller é o mais possante accumulador existente. Boa parte do mundo move-se com a energia que delle emana.

Philosophias...

IDÉA que me persegue: o homem, pertante a lei animal, é producto teratologico, consequencia de molestia que o arrasta irresistivelmente a afastar-se da natureza. Na apparencia paradoxal, a palavra natrophobia encerra um conceito digno de meditação. O homem é natrophobo. Isso explica o que chamamos progresso. Em quanto na vida organica a evolução dos seres se opera em completa harmonia com as leis naturaes, no *homo* essa evolução "derrapa", desviando-se della, arrastando-se a estranhos caminhos. A tal ponto vae o desvio que se torna possivel a dêduc-

ção de *leis humanas*, leis de exceção á lei natural.

Essa doença em estado febril crea o delirio a que chamamos illusão — fogo fatuo que norteia o doente. Uma das suas consequencias é a convicção de que progresso é movimento com rumo á perfeição (idéa platonica, sem correspondencia no mundo das realidades), quando progresso (Spencer) significa apenas complicação.

A doença que determinou o desvio do homem da serie zoologica e fez dele o rei, o deus, o proprietario, o operario, o sabio, o artista, trouxe comsigo a nostalgia — nostalgia da saude, inconsciente nostalgia da vida natural e creou como therapeutica o inestudado sentimento da esperança.

Desses dois sentimentos, nostalgia e esperança, filhos ambos do desvio evolutivo, nasceram as idéas do bem e do mal, porque nostalgia é dor, miseria,

mal estar, e esperança é bem, coragem, justificação da vida.

Zola.

*L*E docteur Pascal. A sensação de quem sáe dum romance de Zola é sempre a mesma, de reconciliação com o mau presente e de imensa esperança no futuro. Pascal é o homem por vir, cidadão desse mundo de verdade e justiça que sonhou Zola. Tambem Clotilde é a mulher futura, companheira meiga dos futuros pascaes. Nascidos, assim, fóra de tempo, cahiram victimas da precocidade, hostilizados pelo meio.

E' grande Zola nestes revôos pelos paizes chimericos donde traz creações deste jaez. E é o maior dos romanticos. Abandona o passado e romantiza o futuro. Logico, talvez sua obra morra por excesso de logica. Todo excesso mata.

Seja claro.

COMPREENHENDO o estylo em literatura como fiel mensageiro encarregado de transmittir ao leitor as idéas do auctor.

Servo, escravo, “proprio” que deve ter as qualidades dos bons serviços: brevidade, simplicidade, humildade, fi-delidade, passividade.

Ha-os, porem, tafues, pernósticos; servos mal educados que não dão o seu recado sem que preambulem por conta propria e fiquem a maçar o leitor com exhibições alheias ao caso. O caso é sempre o mesmo: dar o recado com humildade de servo e safar-se.

Optimismo.

Oerro dos utopistas não provirá de erro de localização? Para elles estamos entre o mal e o bem. Erro topo-

graphico, porque a verdade é que estamos entre o mal e o peor...

Morrer.

O homem morre a varejo. A velhinha que visitei hoje, de sessenta e oito annos, está ha meses na cama, morrendo. Morreu-lhe já a mocidade, morreu-lhe a vista, o ouvido agoniza a memoria e a intelligencia morrem aos centimetros. A carcassa que sobrevive á linda creatura que ella foi, é ella? Não. Apenas residuos, restos do que não morreu. Falta-lhe morrer o coração. A morte arrecada as vidas a varejo...

As garças.

ABRO a janella. Que paizagem! Céu, serra e valle. Céu — gaze de purissimo azul translucido. Serra

— a Mantiqueira, rude muralha de safira. Valle — o do Parahyba, tapete sem ondulações que lhe enruguem o plaino.

Ao longo do valle singra uma pinta branca, vôo lento de giz sobre a imprimadura de anil.

Garça! Reconheço-a logo pela amplitdão do vôo. Que maravilha o vôo da garça por manhã assim! Neve sobre azul...

Subito...

— O bando!

Vinham em bando alongado, ora a erguer-se uma, ora a baixar-se outra, estas ganhando a deanteira, aquellas atra-zando-se. Passam a kilometro da minha janella, tão nitidas que lhes percebo o afflar das asas. Mas...

— Outro bando! E outro, atrás!
E outro bem ao longe!...

Jamais vi tantas, e em tão formoso quadro. Montavam o rio. Emigravam. Passavam. Passaram... E dei-

xaram-me com a alma tonta de belleza,
 a sonhar mil coisas, a rever o lindo vôo
 de cegonhas que Machado de Assis evo-
 ca — as cegonhas que das margens do
 Illyssus partiam para as ribas africanas...

Cucas.

O pequeno Eduardinho tem medo hor-
 rivel ás luvas, ás meias e ao pé
 descalço.

Estavam a lavar a sala e elle insis-
 tia em “reinar” no balde. Se amea-
 çavam arredal-o, berrava: se o chama-
 vam não ia; se lhe acenavam com brin-
 quedos, inutil. Que brinquedo vale
 brincar com agua?

Mas a creada tem idéas. Tomou um
 par de luvas pelludas que estavam no
 porta-chapéu e pol-as perto do balde.

O menino encolheu-se todo e foi
 agarrar-se á saia da mamãe.

Logo depois houve necessidade de prendel-o na varanda, enquanto lavavam a sala de jantar e o meio foi atra- vessar á soleira da porta um pé de meia.

Muralha intransponivel! Lá ficou quietinho, namorando o balde de longe.

Muito se parecem com Eduardinho os homens grandes — e sobretudo os grandes homens. O proprio Napoleão preferia perder batalhas e arrostar cer- tas luvas...

A Convicção.

PODE fazer-me o favor? Uma pala- vra só... disse-me um preto no momento em que eu passava á porta de um botequim. E humilde, e pedin- te, fez-me entrar.

— E' uma questão, aqui... Quero que o senhor me diga em que anno foi a liberdade.

Inda na surpreza, titubiei:

— 89 ..

O preto não se atrapalhou.

— 88, não foi mesmo? concertou elle, affirmando perguntativamente.

Cahi em mím e confirmei-lhe o asser-to, corrigindo-me:

— E' isso mesmo, 88. 13 de Maio de 88.

— Ahi está! exclamou o preto para o contendor, que não vi, mas vislumbrei sentado a um canto sombrio. O senhor veio decidir uma "questã" que durava ha meia hora. Muito obrigado.

Sahi a philosophar sobre a estranha força das convicções. O negro, com o seu affirmar interrogativo, fôra quem decidira da contenda, mas deu-me as honras de arbitro e lá deixou o adversario esmagado pela sentença que me forçou a proferir.

As nuanças infinitas da arte de afirmar...

Antanho.

POR acaso topei um tomo do *Wilhelm Meister* desgarrado da estante ha annos.

Abro- o e leio uma nota a lapis, para mim saborosa como instantaneo photographico do passado. (Lembro-me: meu quartinho de estudante — que saudades! — vizinhava de outro, separado por tabique de pinho, empapelado, onde moravam dois individuos que nunca cheguei a ver). Diz a nota: "Este ultimo capitulo li-o durante meia hora sem conseguir comprehendender coisa alguma. E' que os meus vizinhos conversam e por mais que eu faça é-me impossivel deixar de attender-lhes á parolagem. O velho (um delles é positivamente velho) perece-me homem vivido, de boas philosophias e de muito senso. Sabe coisas e fala com a calma e o socego dos experimentados. O outro, moço, ignorante e estouvado, concorda

sempre, ri alvarmente e admira-se com -
espectaculosos — oh! oh! A conversa
principiou tomando por thema o jan-
tar. Foram esfolados ahi num fréje
qualquer, onde, diz o velho, lhes deram
dois peixinhos a 800 réis cada um, ma-
carrão, lingua, e sobremesa. “O peixe
estava sem sal”, commenta o moço. “E
a lingua dura”, secunda o velho. “E a
sopa salgada” continua o moço. “E a
banana podre”, conclue o velho, com
uma risadinha pausada, á qual o moço
casa a sua, estrondosa, caixeiral. Fez-se
uma pausa longa de goso. Adivinhei-os
immersos na delicia da vingança attica.
Depois abordaram varios assumptos,
com essa preguiça molle dos que jan-
taram e estão a cahir na beatitude so-
porosa da digestão. Desceram rio
abaixo, de acontecimento em aconteci-
mento, até alcançar o Visconde de Ouro
Preto, que o velho mostrou conhecer a
fundo, quasi intimamente. Classificou-

o entre os homens funestos, dando razões, e o moço, depois de ouvil-as, brandou indignado:

— Inepto, inepto é o que elle era!
O velho entendia de nuanças.

— Não vou lá, não vou lá... Competentissimo, até; mas funesto. Da primeira vez que foi ministro, o caso de certa moça retida em carcere privado provocou um movimento popular; da segunda, sobreveio o desastre da tentativa de pagamento da dívida externa por meio do café; da terceira deu-se o caso demagogico do imposto do vintem; da quarta rebentou a república.

— Má raios! berrou o moço.

— Na vespera, prosseguiu o velho, avisaram-no da conspirata, mas o Ouro: “Qual! Tenho confiança nelles, no Deodoro e no Floriano”. No dia seguinte estava mettido em Sant’Anna..

— Piratas! exclamou, furioso, o moço.

- Quem, piratas?
 — Todos elles, o Ouro, o Déo, o Floriano.

O velho desprezou o arroubo e veio atrás.

Falou das arruaças do vintem, narrando-as tão ao vivo que eu *vi* bondes de pernas ao ar, incendiados. E a sereña palestra rememorativa proseguiu. Breve chegaram á França, deposição de Luiz Phillippe e subida de Napoleão III. Mas a palestra ia cochilando. O moço já não emittia apartes e o velho alongava as pausas. Falou ainda do filho do primeiro, um conde de Paris, que cahiu d'um carro, e não sei quê mais. Silencio. O velho imitou o conde, cahindo no somno. Ouço-lhe o roncar pausado... Tossiu agorinha. Quatro tossidazinhas delicadas e sonoras... Dormem os dois. Chama-se o velho "sêo Macedo".

Esse momento da vida de dois desconhecidos fixou-o o lapis, através

dum tabique, num livro de Goethe. Ahi ficou embalsamado durante annos. Vem agora para este livro e durará até que as traças roam o ultimo exemplar da edição...

A gravata.

A CONTECEU-ME coisa assombrosa. Fui á cidade e entrei no Guarany, á espera da rodinha. Pedi café, e mexia-o, quando um rapaz que coñeço de vista se approximou e disse-me:

— O senhor esqueceu da gravata, desculpe...

Fiquei vermelho como lacre e com a mão espalmada, em movimento instintivo, tapei logo o meu crime. Problema sério! Comprar outra, impossivel, era domingo; continuar assim, impossivel, uma degradação. Fugir... Fugi para casa, depressa, depressa. Larguei o café e sahi, qual um criminoso. Tomei

o bonde, ultimo banco e lá fui, sempre com a mão a esconder o crime... o horrendo crime, pedacinho de seda que faltava ao collarinho...

E dizemo-nos livres!...

Varias vezes, mais tarde, cruzei-me na rua com o homem do aviso. Cumprimentavamo-nos, sorridentes. Seu sorriso dizia: se não fosse eu... O meu agradecia-lhe, humilde.

Ficamos sendo um para o outro — o caso da gravata.

Incomprehensão.

GOETHE, e em geral os antigos, não me produzem as grandes sensações dos modernos. Sinto difficuldades em pôr-me á luz da epoca e bem avaliar as qualidades que os fizeram grandes. As coisas novas que elles viram e revelaram, orçam por velharias; suas au-

dacias fazem rir, suas utopias são os dogmas de hoje.

Caso do machinista de uma Baldwin em face da locomotiva de Stephenson.

Falar... Ouvir...

DE visita a um tio, senti-me esmagado pela sua superioridade de homem de cincuenta annos vividos.

Senta-se a favor da luz, affixa certo sorriso que escolhe adrede de toda uma collecção e faz o visitante falar. Se este esmorece, atiça o fogacho da parolice e recáe na tocaia, emittindo ultra-scepticos — ahns! sins, ohs, pois nãos.

Confessou-me afinal que agora só ouve.

— Já falei muito.

Seremos todos assim, metade da vida palco, metade platéa?

"*Sancta simplicitas*".

NOITE de presepes. Ha-os aqui em quantidade, na maioria sublimemente ingenuos. Um trazia as paredes do canto forradas de numeros do *Rio-Nú* — numeros bem descabellados, com mulheres em camisa e calça ás voltas com os "coroneis". Noutros vi patinhos de barro, com pelota nas patas á guiza de pedestal, repimpados em arvores; um soldado de carabina e facão a apresentar armas ao menino Jesus; um busto de Campos Salles ao lado dos reis magos. Em varios outros vi ainda: cartões postaes com a Otero, uma caixa vazia de chapas Hauff, annuncios illustrados da Emulsão de Scott, enorme casca de tatú com varias bonecas de panno dentro.

Isto fez-me lembrar certo santo de familia que encontrei na roça, em casa duma beata. Ao lado do oratorio havia á parede, em surrada moldura lisa,

um S. Sebastião escapo ao calendario: *S. Sebastião das Cebolas.* Explica-se. Quando Martinho de Campos foi ministro do Imperio, a *Revista Illustrada*, de Angelo Agostini, o representou nú, de tanga, atado a uma arvore, recebendo com cara de martyr os flexaços da imprensa oppositionista. E como o sympathico homem de estado era fazendeiro e se chamava das Cebolas sua fazenda, o distico da caricatura fôra aquelle — S. Sebastião das Cebolas.

— E é milagroso este santo, nha Tuda? perguntei á velhinha

— Nem fale! Tudo que eu peço elle faz. Outro dia foi um panaricio, aqui neste dedo. Pedi, e em menos de duas semanas fiquei boa...

Mulheres.

A respeito da actual moda dos espartilhos, Lucy contou-me de certa viagem de trem que fez inteirinha sen-

tada na ponta do banco, porque nem encostar-se podia. Quatro horas assim, de puro martyrio.

Veio-me á mente o concilio reunido para resolver se as mulheres tinham alma. Ia referir-me a elle, mas a lembrança do caso da gravata emmudeceu-me...

Raposa velha.

O velho Medrado sempre apanhou os melhores biscates cá da terra. Foi chefe, hoje é influencia politica e está aferrado a osso de bom tutano.

Seu segredo? Apprehendi-o hontem, primeira vez que o vi de palestra. Fala complicando o assumpto em rodeios, de modo a tornar a phrase pouco precisa. Escolhe termos, encaroça, engasga, generaliza. Isso, quando ha na roda pessoas cuja opinião elle desconhece. Tão manhoso que mantem conversa com

creaturas de idéas oppostas sem chocar a nenhuma.

Vindo á balha o protestantismo, principiou com pés de lã a apalpar o terreno perigoso, manhosamente, escusando, ora uma seita, ora outra, exculpando catholicos e protestantes. E ficou nessa maromba até que se manifestassem todos os presentes. Conhecidas as cartas dos parceiros, firmou a palestra e esqueceu os caroços.

Não cita nomes, não se compromette. O que mais me admira nelle, entretanto, é o habilissimo partido que sabe tirar das dores rheumaticas.

A crosta.

A muralha que a idiosyncrasia chris-tā interpoz entre os gregos e nós, rue, ou diaphaniza-se. Lendo Aristophanes tenho a sensação de um homem sadio que estuda *naturalmente* uma natureza virgem, uma sociedade não estu-

dada, um homem limpo de alma, simples, fresco, não empastado com o fecaloma de vinte seculos de idéas sedimentadas. Aristophanes, Aristoteles e todos os mais.

Ares propicios.

AS grandes coisas só se possibilizam nos grandes centros, onde ha atmosphera de acção, de sofreguidão, de excitação permanente. Ponham nesta marasmopolis ao proprio Edison e em pouco está elle de cerebro adormecido, jogando o truque na pharmacia e commentando todas as generosas idéas com o — “Bobagens!” que aqui mata todas as iniciativas.

Flor que emmurchece.

LUCY tem todos os encantos da flor que se fana. Sua bocca denuncia certo cansaço morbido — cansaço de bei-

jar, de falar, de comer. Fronteiras de duas estações, verão, outono. Como participa de ambas, ora esplende, magnífica, num apogeu de sol a pino, ora descae para a melancolia outoniça, olhos langes, saudosos.

Já começam as saudades e as saudades são flores de outono e inverno.

Traduzir.

OS nomes que vimos pela primeira vez como traductores, perdem o prestigio quando os vemos como autores. Ha em nós a vaga impressão de que quem traduz não pôde crear.

Momo.

NO ultimo dia de carnaval vim para casa com pequenina mécha de cabelos louros embaracados num botão da

manga . Linda menina! Ao ver-se engan-chada, tentou desembaraçar-se “por bem”, sorrindo; como custasse, safou-se de um puxão, deixando commigo aquelle fragmento do seu corpo.

Conservei-o intacto por muitos dias. O acaso deu-m'o, o acaso o tirasse.

Tirou-m'o o Guichard, hoje cedo, todo myope.

— Olha uns *fios de crina* em tua manga. Vieste hontem da roça?

A formosura.

OS hombros da Consuelo. Sentou-se deante de mim, no camarote, e o melhor do espectaculo me foi admirar a rara harmonia daquelles hombros, que descáem do pescoço em linhas elegantissimas.

Tanto movimento, tantas palavras, tanta bravura em scena, tanto enfeite no palco — tanta tentativa de beleza. Mas da belleza só havia no theatro a linha subtil daquelles hombros.

Vidinha estreita.

LEONTINA, pobre creança! Mais uma vítima da Mesquinhez Social. Ella, a mais forte vocação artistica jamais abrochada por aqui, não pôde dedicar-se á pintura porque... porque é feio para moça de familia conviver entre artistas... porque... porque não encontrará casamento... porque mil e uma coisinhas pequeninhas de cidadinhas enfezadinhas.

— Como abafa este ambiente de terinha! Sabe como me vingo? Sonhando. Passo as manhãs a reconstituir os sonhos da noite e já tenho delles uma galeria. Porque, afinal, o sonho é uma produção nossa como um quadro, uma poesia, um pensamento. Tempo ha de vir em que se photographem os sonhos e aparecerão grandes artistas do sonho, genios, shakespearees..."

"Tedium Vitæ".

TRES dias de continua chuva, sexta, sabbado, domingo... O bolor domina, e invisivel bolor paira nas physionomias. Até o rosto da Lucy, sempre tão vivo, pareceu-me embolorado.

Um minuto que o sol hoje bruxoleou, pallido, da pallidez dos convalescentes, correram pela terra suspiros de allivio e esperança. Mas as nuvens de novo se cerraram e sobre as coisas e as almas cahiu de novo o bolor.

Bolor, mofo: tedio das cousas.

Indecisão.

CHOVE... A estupida uniformidade do feio céu sem luz, sinto-a tambem dentro da alma. Falta em minh'alma o claro sol de um fim ardenteamente visado e que me attráia como poderoso iman. Sou um dia de chovisqueiro miudo, duvio, frouxo...

Italia.

FORTINI, typo do artista nato que o solo da Italia produz com a espontaneidade do nosso em grelar carurús. Pintor e musico. Fez prodigios ao bandolim — coisas napolitanas, vivacissimas. bizarras e depois uma fieira de marchas heroicas. Ao ouvir-o me veio uma idéa. O amor do italiano pelas marchas, sua irradiação ao executá-las, não será derivativo do herdado e hoje inexercitado pendor romano pela guerra? Marcias na musica, já que o não podem ser na vida?

Fortini é nosso hospede, e passo as noites a ouvir-lhes as historias. Foi intímico de Puccini, em menino, e com elle fugiu da escola, varias vezes, em Lucca, para banhos no rio. Contou o caso do maestro com um tal Geminiani, a quem começou ensinando canto e acabou raptando a mulher. Cantorias, cantatas...

E referiu a coincidencia do desastre automobilistico que soffreu Puccini, trambolhão formidavel, justamente na hora em que Geminiani morria.

A miseria.

FIU a X, cidade vizinha. Que horrivel impressão! Mendigos repellentes, seres disformes, amarellos, pardos, negros, cobertos de farrapos immundos, defeituosos, magros, inchados, capengas, bichentos, duma ascosidade sem nome, a vagarem pelas ruas ermas com a cantilena monoton a nos labios: "Esmolinha, por amor de Deus!" E o povo, á custa de moedas de cobre, mantem á face da terra o bando de desgraçados. Mantem. Conserva. Não procura outra solução, mais energica, mais limpa — ou eliminal-os ou asylal-os. A caridade manda isso, disse-me um catholico pratico... A caridade manda conservar, não corrigir, não

solver o problema. E esse caridoso de-blaterou contra a assistencia da eugenia norte-americana, preventiva, curativa, intelligentissima, porque "aquillo não é caridade". Caridade é isto: conservar a chaga.

O romance.

ALMOÇO desagradavel, hoje, com um romance funebre ao lado, viuva de filho ao collo, contando que tem mais seis, que está na miseria, que quer metter dois num collegio, como orphãos.

O dono da casa almoça lendo um jornal, e o lê até ao derradeiro annuncio. Não ergue os olhos delle. Que coisas interessantes traria esse jornal!

A patrôa preside á mesa e mal responde á pedinte, que fala sem cessar, quebrando de suspiros fundos o seu ar de martyr resignada. Paire contra a misera um ambiente de dureza, a dureza dos ricos contra

os pobres que tentam *sabir do seu lugar* agarrados ás franjas da solidariedade humana.

O marido morreu diabetico — “seco, magrinho que nem uma creança.” E deixou-a na miseria com seis filhos! E ella, só, sem mais ninguem no mundo... Anda a valer-se dos ricos, dos poderosos. “Queria que a senhora arranjasse dois lugares no collegio, gratis, para esta coitadinha e uma outra”.

A dama rica, toda banhas e empafia, põe-se no apice do pedestal e: “Não sei, não garanto, vou ver, mas não prometto, não posso cuidar de nada, ando muito doente, vou ver, vou ver”. Traducção facilima: não arranjo coisa nenhuma. A viuva suspira, accentua o ar de martyr, cabeça inclinada, rugas avivadas, maravilhoso modelo para um quadro de Durer: Resignação.

Por fim, sahiu.

Fui á janella. Lá ia, toda de preto, chapéu com crêpes, véu. Arés de rica, dę

herdeira. Toda a rua affluiu á janella e olhou-a, e commentou-a. E lá desappareceu na esquina aquelle triste romance rico de titulos — A Misera, A Importuna, A Providencia de Seis Creanças, A Energica, A Resignada, A Martyr, A Mendiga, A Dama de Preto — *as you like it...*

Borboletas.

CONVERSAR com moças é trancar no espirito as torneiras das idéas geraes e abrir as valvulas á sentimentalidade ou á parolice anecdota e mexeriqueira.

Um bonito quinquilharismo cerebral. As moças só sentem a côr e a linha. Nada do que constitue na conversação masculina o encanto maximo, os vôos, os horizontes.

A mulher, pratica, é inimiga dos largos horizontes.

— Muito longe...

A idade feliz.

SEMPRE que me vê sentado, a escrever, trepa-me ao collo o Guilherme e fica muito attento a seguir os movimentos da pena sobre o papel.

- E' trem? pergunta.
- Não, filhinho, estou a escrever.
- E' carta?
- E'.

Satisfeita a curiosidade, põe-se a olhar, fungando... De repente, acode-lhe uma idéasita e pede que "escreva um trem". Não ha remedio sinão interromper a carta e pintar um comprido trem de ferro, com innumeros vagões de muitas janelinhas.

Se esqueço a fumaça da locomotiva, reclama-a logo, como reclama rodas e janelas nalgum carro onde as haja de menos.

— Agora, escreva um corvo sentado aqui — e o dedinho gordo aponta a chaminé.

— E um boi aqui. E um gatinho aqui.
E um porco...

E o trem vae virando poleiro de bicharia.

No melhor da festa, porém, o seu corpinho molleia, descaem-lhe os braços e todo elle se mergulha num somno de anjo...

As moscas da vidraça.

LEONTINA vive a rugir desesperos d'alma, que Lucy crumente define — falta de casamento.

A's vezes chego a crer que Lucy tem razão, se bem que o estado d'alma de Leontina seja muito semelhante ao meu.

Que é falta, tenho a certeza. A duvida vem no "do que". Porque é falta multipla, e vaga, e inapprehensivel.

De confiança? De objectivo? De fins nitidos, claros e fortes?

Ha sempre a boiar no lago das vontades fracas o lotus enervante do—*para quê?* Esta horrivel pergunta gela a vontade, fal-a tabetica, cachetica, paralytica. Fal-a sorna, fal-a querer de pantano, vontade de agua-verde.

Tudo quanto, movido pela brisas da sensação, penetra-me na alma, dá de chofre contra essa muralha insidiosa, viscosa, odiosa. E fica ao pé da muralha, escabujante, morto.

Sinto minh'alma cheia de cadaveres de resoluções, esqueletos de motivos, caeveiras de desejos.

Tal qual certa vidraça da sala de jantar que nunca se abre. Todos os dias mães-d'agua, borboletinhas, moscas verdes que vieram do jardim vão cabecear nos vidros, inutilmente procurando varar para a rua luminosa.

E morrem de inanição.

E juncam o peitoril da janella de pequeninos cadaveres...

Mentir.

DEDUZIR das palavras que saem da bocca o pensamento que o cerebro pensou, que o cerebro pensou antes da bocca dizer e o que ficou a pensar, depois.

A palavra, ou esconde ou adultera o pensamento. Mas esconde mal, para o psychologo. Esconde dentro de campanas de vidro. Os olhos traem o pensamento occulto. Quando nossa bocca mente, sentimos a verdade estampada em nossos olhos, a desmentil-a. Ser psychologo é entender a lingua do olhar. Em regra o bom mentiroso abaixa ou desvia os olhos. E' a sua melhor defesa.

No hospital.

VISITA ao hospital.

Que triste coisa, um hospital! A miseria humana em todo o esplendor.

A victoria da côr amarella, o desanimo, as attitudes fakirianas, o ar boçal, o ar resignado, o ar vencido.

Um negro, sentado á beira da cama, tinha a cara nas mãos e os cotovellos fincados nas rotulas. Perfeita esphinge de ebano cujo negror só quebravam dois olhos grandes, muito brancos, de vago olhar fatalista. Ao ver-nos, moveu-os apenas e logo os baixou, indiferente.

Em todos os leitos, espectros, sombras de criaturas immobilizadas em posições morbidas, á espera da saude.

Esperar o regresso da saude, a lenta volta da desertora...

Fazem-no como quem olha para o relogio e acompanha o movimento dos ponteiros.

Aquella colmeia de infelizes vive para o tempo, contando o tempo, marcando o tempo, vendo, sentindo, esperando passar o tempo...

Fraqueza.

A syllabada possue uma aura — que curioso!

Estava o Joãozinho Guedes a conversar na sala cheia de moças. Em dado momento disparou um *monotôno*. Nenhum dos presentes o corrigiu, mas calaram-se, de modo intencional, para que no silêncio a aura da syllabada agisse sem obstaculos. Assim foi. O *monotôno* ficou no ar, echoando malsomantemente, e Guedes corou como baeta. Por fim, explicou que errara, mas que sabia que errara, e que se dizia assim era porque queria. Zangou-se. Ergueu-se de chofre e saiu, furioso. Só então riram-se todos do ultra-comico desastre.

O alvorecer.

A pequena Ruth inda se atrapalha na comprehensão do tempo. Confunde hontem com amanhã.

Como é difficult distinguir do futuro o passado, ás mimosas creaturas que são todinhas presente!

— Amanhã o gato deu um pulo e pegou o ratinho.

— E hontem, que fará o gato?

Ella perturba-se e fica, de olhar dubio, ruguinha na testa, com a vaga consciencia de que errou nalguma coisa...

Despotismo.

EDUARDICO lá está, de pedra na mão, a berrar e a espernear, em furioso accesso de colera infantil.

A mulatinha pagem negaceia-o de longe.

— Que é isso, Dico? perguntam-lhe.

Elle soluça:

— Aquella peste nã-ão quer parar...
rar...

— Parar, para que?

— Para eu jogar esta pe-edra nella!...

Os gurys.

MATCH de futebol improvisado de frente minha janella, no largo. Só gurys, cinco de cada banda. Quatro tijolos demarcam os *goals*. A bola: maçaroca de panno atuchada em pé de meia. Discussões, tombos na lama, berreiro, disputa verbal incessante, sempre chegando ás boas o *team* que berra menos. Todos os termos inglezes adulterados, mas bem apprehendidos — *golkipa*, *gôr*, *córne*, *ofiçai*, *chute*, etc. Approximam-se espectadores, todos pequeninos.

— Posso entrar no jogo? indaga um.

Os de dentro, orgulhosos:

— Sapo não joga!

Chega outro, de carrinho — uma isca humana, filhote de tico-tico que apenas engatinha. Traz na cabeça o chapéu do pae e na bocca a chupeta. Empurra o carro — caixão de kerozene com duas rodas — seu irmãozinho. A tantas o

goal-keeper, de pé armado para um formidável *kick*, prevê desastre e grita:

— Tire essa porquerinha d'ahi, que lá vae fogo!

Homem, Mulher.

ACCENTUA-SE o antagonismo de crenças entre o homem e a mulher. Aquelle professa o livre pensamento, ou a indifferença, mesmo quando se crê ou se diz religioso, porque a mentalidade do homem evolue. A da mulher não. O cerebro da mulher não digere as idéas recebidas. Conserva intactas todas as noções que lhe inculcam em creança ou moça. Conheço innumeras que não passam de bichos ensinados. A beata, a feminista, a literata, a "terceira", a filha de Maria, são bichos ensinados, papagaios que decoram crenças e crêem sem exame.

Cacoetes

OS mais vulgares são o "já viu?", o "sabe?", o "sa?" o "percebeu?"

— Olhe, eu faço constar, já viu? faço constar da acta, e então você, já viu? você combina com elle e arranja uma justificação, já viu?

E' o cacoete do Xavier, traço de família, pois ninguem consome maior numero de *sabes* do que o seu irmão.

— Estive ha pouco no Rio, *sabe?* e procurei o Seabra, *sabe?* para aquele negocio, *sabe?* E elle, então, *sabe?*...

Os sôes.

OS homens fortes, que vencem na vida, trazem a mola real da victoria dentro de um escrinio de orgulho. Attribuem-se todas as boas qualidades e mofam dos que as não possuem. Affirmam sem vacillar. Dão-se como centro do sys-

tema planetario. Tudo lhes gyra em torno. Dogmatizam e acceitam os proprios dogmas como taes, sem laivo de scepticismo.

Curiosidade.

HAVIA a principio um só automovel por estas bandas, que toda a população viu, cheirou, commentou. Ao cabo de certo tempo, satisfeita a curiosidade visual, o seu *têf-têf* já não fazia voltar a cara a ninguem.

— Lá vem o dr. Ferreira, pensavam todos ao ouvil-o.

Mas appareceu o segundo, agora, e mal ronca um motor, acóde gente ás janelas, transeuntes voltam-se, conversas interrompem-se. A curiosidade impõe destrinçar qual dos dois é.

— E' o do dr. Ferreira.

— E' o do Indalecio.

Adquirida a certeza, tudo reentra nos eixos.

O pittoresco.

COMO é viva a lingua do povo! E como é fria, morta, a lingua erudita, embalsamada pelos grandes escriptores! Inda hontem verifiquei isso ao trocar meia duzia de phrases com o carapina, que está aqui reconstruindo um telheiro.

Puz-me a sapeal-o e elle, volta e meia, parolava do serviço. Ao substituir uma telha que se não encaixava noutra, diz:

— Esta não serve, é muito viçosa.

Ao transportar uma linha de peroba, commenta, gemendo-lhe sob o peso:

— Isto é páu pesado por natureza.

— Não sobrarão telhas, sêo Antonio? pergunto-lhe para o fazer falar.

Elle mede as pilhas com os olhos, vagarosamente, mede em seguida a área a retelhar e:

— Home', se sobejar é coisinha, obra de um tico.

A pequena rata.

DIZIA a Ignezinha á sua amiga Laura:

— Sinto uma vergonha cada vez que me lembro do cartão que mandei ao dr. Pedrosa. Fiz um P tão feio...

O nababo

COMMENTA-SE a morte de um homem soturno, que sempre viveu sem familia, arredado de amigos, tremenda-mente misanthropo e que aos setenta annos se finou na mais extrema miseria, tendo gasto tudo quanto tinha em bilhetes de loteria.

— Que desgraçado! dizem.

— Que homem feliz! penso commigo. Viveu de sonhos. Viveu nababescamente à sonhar maravilhas. Como os chins ingerem opio, elle ingeria bilhetes, notas promissorias de esperança — e sonhava.

Vaselina.

MARICOTINHA, quando sae em companhia da irmã caçula, desempenha funcções de cornaca. Dirige-a e gaba-lhe os meritos.

Se a pequena se senta ao piano, explica:

— Ella ainda não sabe essa musica, está estudando, por isso, não reparem.

Turismo.

EXCURSAO de bicycleta a X. Lama na volta. Noções muito justas sobre as estradas. Os *globe-trotters*, ciclistas ou automobilistas, do mundo só vêem as estradas. Dissertam sobre a variedade das lamas, das argillas, dos caldeirões, dos facões, dos barrancos, das cercas, dos mata-burros, das pontes. O resto não lhes cahe sob as vistas.

O memorial da viagem do principe Borghese a Pekin, é um curso de estradas. Tambem desta marca é o de um sr. Frazer, que li hoje.

Partiu de Southampton e para alli regressou 114 dias depois, com sciencia perfeita das lamas da Russia, Armenia, Persia, India, China, Japão e Estados Unidos, onde noivou, casou e divorciou.

Lendo a historia do Frazer, entristeceu-me não ser inglez. Que dote inestimavel dá o pae ao filho fazendo-o ver o sol em territorio britannico! O inglez, onde vá, está em casa, sob suas leis, com sua lingua á mão. Se quer oriente, tem toda a India sem sahir do imperio. Se lhe sabe terras oceanicas, tem a Australia; se preferre as americanas, tem o Canadá e a Yankia. Se lhe faz conta negrejar, tem quasi toda a Africa, da virgem, do Sudão á historica, do Egypto. Se quer explodir leões com *dum-duns*, vae alli ao Uganda,

tapada sua. Dê-lhe gana de robinsonear e pôde escolher ilhas suas, dentro de toda uma constellação. E para todos os pontos vae com o maximo de commodidades e de garantias, certo de encontrar bancos que lhe facilitem moeda, *residents* que o defendam do gentio, sabão *Pears*, biblias, whisky *White Label*.

Talvez venha d'ahi a furia itinerante do inglez: exercita-a sem sahir de casa, o que é sobremaneira commodo.

Um “prestante” cidadão.

MAJOR Bicalho, fazendeiro, filho de barões do imperio, conspicuo, gravissimo, todo axiomas, todo principios de moral — “bicho ensinadissimo”.

Ao ouvil-o dissertar sobre qualquer assumpto, a definição acode-nos de prompto — burrice hieratica.

Quando morrer, o necrologista dar-lhe-á de “prestante” cidadão...

Sol e Pombos

DESCEU no largo um bando de pombos e como o sol rutilasse lindamente naquellas vivas alvuras irrequietas, empolguei-me no espectaculo.

Subito, assustam-se, debandam, vôam para longe. E' que se approximava o Chico Liso, mendigo horrendo, em farapos, uma triste coisa de carne nauseante.

Que contraste, a saude, a belleza, a harmonia, a perfeição daquelles pombos e a hediondez do Chico Liso! E' elle, no entanto, o rei...

Continúo á janella. E' domingo. Passa gente de rumo á igreja. Velhinhos minguadas, arrastando o corpo rheumatico, chale sobre os hombros ou chalinho, fichú, á cabeça. O *chales*, como ellas dizem.

Passou a Bebé Nogueira — “tia”, typo da mulher “boa”, que não casou, que é

"terceira" e feiissíma de cara e corpo, attentado clamoroso contra as leis da harmonia. Passou a Biloca, mocinha torta, arcada, microcephala, bôba.

O sino repica. Todas apressam o passo. Nisto, entra no largo uma vacca tangida pelo vaqueiro. A mais pacifica e inoffensiva das vaccas.

Pois houve tremendo panico! Os reis dos animaes e as rainhas — Bebé, Biloca, as velhas — tomaram-se de pavor e com gritinhos se esgueiraram pelos corredores ao alcance. Medo á vacca... No entanto a vacca, que não é rainha de coisa nenhuma, passou com serena majestade.

Houvesse mais justiça na terra, e o sceptro da realeza mudaria de dono naquelle momento...

A' esquina, sordido preto róe um bico de pão apanhado no lixo.

Rei!...

Tantas criaturas só têm perante a natureza uma função respeitável — a de fertilizante, e essa mesma illudem indo apodrecer nos cemiterios...

A arte de viver

O fim é nada, o caminho é tudo.

O forte e o fraco.

DAR passagem, ou tomal-a, quando no passeio outra pessoa vem ao nosso encontro, é problemazinho urgente de solução instinctiva. Mais uma vez aí vence o forte. Dá passagem ou o mais mal vestido, ou o menos corpulento, ou o de ar mais resignado. Os homens energicos atravessam as ruas movimentadas sem ceder caminho a ninguem e sem que ninguem os force a isso. Caminham em recta. Quem fixasse a trajectoria de varios

homens na mesma rua, á mesma hora, obteria um graphico denunciador do carácter de cada um. O forte daria linha recta. O fraco, linha quebrada. O unctuoso, sinuosa.

Oradores.

P ALESTRA com um velho parlamentar. Recordou os oradores do seu tempo. Os mais completos: Silveira Martins, pela faculdade de adaptar-se ao auditorio e ás circumstancias, e José Bonifacio, como estheta da palavra — palavra que pouco dizia, mas deslumbrava. Voz fina e sotaque paulista, sem que isso apoucasse o encanto, a véra magia das suas orações, torrentes que nenhum tachygrapho podia apanhar. Comparou-o ás tempestades em que o continuo fuzilar dos relampagos se entremeia de fragorosos estampidos e de cegantes clarões. Fulgurava. Suas phrases batiam nos ouvintes como descargas electricas.

Idéas de velho.

UM velhinho, hoje, extremamente original nas idéas. Dá sobre tudo opiniões só suas. Como se queixasse de doenças varias, perguntei-lhe se consultara medico. Riu-se.

— Você concebe relojoeiro que concerte relogio pelo buraco da chave?

Os relogios do tempo delle eram de chave.

Falámos de mil coisas e por fim do caipira. Aqui, propoz-me uma adivinhação: qual o bicho mais parecido com o homem?

— O macaco.

— Não. E' o caipira. Tem olhos, tem pernas, tem voz articulada como o homem e, no entanto, é bicho!

Êça.

O conselheiro Acacio: a banalidade solene.

"Dom Paez",

JURY, hontem. Accusei um pobre mulato victimo de todas as más heranças do sangue, irresponsabilissimo. Accusei-o, defendendo-o e consegui que o absolvessem.

Em quanto se desenrolava a estafante leitura do processo, e o mais, puxei do bolso e li á socapa (se o soubessem!...) o "Dom Paez", de Musset. O tempo, assim alliviado, correu em deslise macio, e todo me lavei da sordida impregnação do ritual judiciario no banho rythmico daquelles deliciosos versos.

*...la main caresse
les seins étincelants d'une folle mai-
tresse.*

Só me despedi desse ambiente de beleza para tomar do libello e remoer as tolices da praxe em estylo opposto ao de Musset — unico adequado aos doze *pax-vobis* que iam julgar.

· · · · ·

A' noite, linda festa para os sentidos, ao lado de Lucy, num camarote, assistindo aos *Dois Brações*, de Blumenthal, engracadíssima comedia. Lucy, deslumbrante. Vestida de azul tocado á perola sem collete, graciosos folhos de gaze que afofavam o collo da blusa.

Nos cabellos, negros e ondados, repartidos ao meio, tres geranios côr de teila nova, postos de lado. Sobre a gaze do peito, outros geranios irmãos daquelles. Na mão, um leque, que se não abriu porque esfriára o tempo. E na bocca irrequieta o commentario justo, fino, brincalhão.

Na vida tudo se compensa. Jury, Musset, Lucy...

Lugubre.

DEPOIS de julgado o facto, quando o juiz de direito formúla a sentença,

profundo silencio domina a sala inteira. Fóra do recinto, além da grade, dez, vinte caras habituas, criaturas gulosas do epilogo que só apparecem para ouvir a sentença. Possuem fino o faro. Adivinham o momento e ao erguer-se o juiz alongam as orelhas com a mão em concha, arregalam os olhos, entreabrem a bocca, corpo e alma em riste para absorver, qual hostia santa, a palavra lugubre da sentença.

Méra curiosidade? Sadismo?

O juiz ergue-se, de papel na mão. O silencio é absoluto. A sala toda se transforma em ouvidos. O juiz lê "... condeno o reu tal a cinco annos de prisão cellular".

Os assistentes dispersam-se, as escadarias se enchem de gente sem pressa, calada, olhos absortos. O martyrio inflingido a um semelhante impressiona-os, como coisa que lhes pôde cahir na cabeça um dia. Saem, descem em silencio. Aqui, alli, exclamações a meia voz: "Era preciso.

Porque matou?" "E' necessario..."
 "Cinco annos passam logo".

Apresentava um os olhos vermelhos. Era amigo do condenado e trazia a missão de levar a noticia do julgamento a sua mãe. Caminhava automaticamente, vagarosamente. Esperançado, talvez, de que algum novidadeiro de pé lesto o antecipasse na triste missão.

Dois polos.

NIETZSCHE e Tolstoi, symbolos dos dois polos da vida, o que a affirma e o que a néga.

Arte.

Arte nasce quando o homem cessa de lutar contra o meio adverso, como florada consequente á completa evolução da planta. Na Grecia, a beni-

gnidade do clima e a amenidade da natureza não offereciam resistencia ao homem, e as forças que este em caso contrario (caso da India, do Brasil, da Sibéria, por exemplo) despenderia em reacções contra o meio aggressivo, convergiram para enseivar o instincto esthetico, dando origem á maravilhosa eclosão das artes classicas.

Fé e scepticismo.

O grande segredo da fé — o predomínio que ella exerce mesmo nos homens superiores, a sua estranha força de dominação — reside na irresponsabilidade de que imbúe o crente. D'ella lhe decorre a fonte de paz moral e de tranquillidade de consciencia. A céga obediencia a Deus, ao Papa, ao Padre, ao Catecismo, dogmas e regras, destrói a liberdade moral que é conquista suprema para os homens superiores, mas pe-

rigoso embaraço para o rebanho humano. Ser sceptico é tão raro e requer tanta energia psychica que os poucos scepticos que têm existido são olhados como aberrações monstruosas.

Cortar.

GRANDE prazer dos meninos, o brincar com faca. Em casa do X, hontem, notei a satisfação com que o Chiquinho picava um naco de marmelada. Pegava na faca de mil maneiras, inventava posições, cortava devagar, dividindo o doce em pedaços pequeninos para que *rendesse* o prazer de cortar. X, notando sua demora, ameaçou de mandar cortar o doce e dar-lhe um garfo. Chiquinho incontinente armou bico de choro. A mãe, comprehensiva, interveio: que não, que era o seu grande prazer cortar, que elle estava comendo aquelle doce não pelo doce, mas pelo prazer de o cortar.

Fraqueza congenita.

A obra d'arte não tem valor intrínseco. Não ha valor intrínseco. O valor de um poema reside em o numero de espiritos por elle emocinados. As obras más caem por escassez de partidarios.

Thema para um pintor.

ŒTHE, passeando pelas ruas de Caltanissetta, cidadezinha da Sicilia, enquanto se assava a gallinha do seu jantar, foi rodeado de habitantes que o atormentavam com perguntas relativas ao grande Frederico. Comovido ante tal affeição, não teve animo de lhes dizer que o rei era já fallecido havia mezes.

As circumstancias.

Os grandes homens da historia: marcos millarios, estacas, balisas, eti-

quetas. Valem pelas consequencias dos actos que as circumstancias os levaram a praticar. Simples effeitos, simples resultantes de forças, dão-se como causas e a humanidade os torna como taes. Jesus: vida determinada pelo meio hebreu-romano; resultante duma série de forças psychicas que fatalmente produziram um Jesus. As consequencias de seus actos crearam o christianismo. Foi causa, Jesus? Não. A causa foi a tremenda psychose dos escravos, necessidade ambiente de um desvio funcional da sentimentalidade humana. Jesus funcioou como etiqueta, palavra de senha, marelheza, bandeira do movimento. E de senha passou a Deus, exalçado pela victoria do movimento.

Vêm-nos taes idéas ao ver em um numero da "Universal Exposition de 1904" a estatua apotheotica de S. Luiz.

O rei monta um imponente cavallo magnificamente escamado de arnezes, togado de saios, e ergue-se na sella

com ar severo, escudo flor-de-lizado a tiracollo, mão a brandir cruz esguia, corôa real na cabeça. Um admiravel monumento donde emana o halito epico das obras fortes. Isso na cidade de S. Luiz, que elle patrocina.

Porque, tal glorificação?

Porque um *pioneer*, certo dia, ao fincar a estaca inicial da grande cidade, resolveu dar áquelle termo o nome do rei santo, nome que seria o seu, talvez, ou o de seu pae, ou o do santo daquelle dia. Se a semente da cidade plantada não germinasse, nenhuma consequencia teria a sua escolha. Como vingou, e cresceu, o mundo viu surgir um estado: Luiziania, e um grande emporio, S. Luiz, e innumeras outras consequencias: consumo de biographias do rei francez, numerosos estudos sobre sua personalidade, glorificações de todo o tamanho e, consequentemente, augmento da grandeza do rei festejado.

Ser grande é estar á tona de acontecimento social que tenha larga repercussão.

Sarah.

A curiosidade de conhecer Sarah Bernhardt levou-me a S. Paulo. Vi-a no velho casarão do Polytheama. Sua cabeleira parece a de uma grande boneca. Abundante e loura como o sol. Sua famosa *voix d'or*, porém, denuncia a accão erosiva do tempo. Já nos graves lhe escapam rouquidões, como desharmonias de Wagner enxertadas em melodia italiana. Sarah, entretanto, inda é Sarah. Inda arrasta toda uma cidade ao theatro e o faz estremecer sob o fragor das ovações. Todos falamos della com a ternura saudosa das boas amizades antigas. Só as mulheres franzem os labios. Os homens dizem ainda — a divina Sarah. As mulheres: a velha Sarah...

Guardar a compostura.

JOÃO Gomes, pobre velhote tradicional na cidade, rato de cartorio, maestro honorario da philarmonica, atravessou o largo acompanhando um carrinho empurrado de um garoto. *Acompanhando...* Isto é o que João figurava fazer, porque de facto quem movia o carrinho era elle, João Gomes.

Coisas do mundo! João decahiria do seu pedestal se francamente empurrasse a carreta. Para evital-o, metteu nos varaes o menino. Salvou as apparencias. Não estava a *puxar*, estava a *guiar*... Todos viram a tramoia, mas ninguem se chocou, nem murmurou palavra, visto como João fazia a coisa mais agradavel á sociedade: guardar apparencias.

A vida que João leva, o caso do carrinho symboliza. João é pobre, pauperímo, sempre o foi, mas finge-se remediado e guarda as apparencias desse de-

gráu, gosando a consideração com que a cidade lhe galardôa a longa e inocente mentira.

A fraude suave...

A' beira do x.

SINTO que lá me esqueci de qualquer coisa. Procuro recordar-me, fórço a memoria. — Está frio... — Está esquentando. — Esfriou de novo... — Está queimando agora... Percebo-me á beiradinha do X. E lá me foge. E não me recordo...

Acaso?

JOGO de coincidencias?

Em pequeno fui um grande guloso de cabelludas, frutinha amarella, que se faz hoje extremamente rara. Como as esporinhas, a maravilha, o alecrim, a

romã, ninguem a cultiva hoje, que os pomares e jardins se civilizam e andam todos á moda. Em casa, na fazenda em que nasci, havia um pé de cabelludas, escarrapachado, de copa saiúda a relar o chão. Era meu. Boas horas passei dentro delle a chupar as frutinhas. Depois, faz isso doze annos as coisas mudaram, o mundo virou e nunca mais tive occasião de ver sequer uma cabelluda, ou ouvir falar nellas.

Pois bem: descobri, ha dias, cheio de emoção, um pé de cabelludas no fundo da chacara velha. E carregadinho! Regalei-me, infantilmente, e enchi os bolsos logo que o estomago deu o basta.

De volta, detive-se em casa da velhinha amiga, pois nunca passo por alli sem portar. Livro vivo do passado, é uma delicia folheal-o. Encontrei-a como de habito na rede e ao pé della, na cadeira “pé-pé”, cadeira de pernas cortadas onde sempre me sento, uma criaturinha humilde, trajada pobremente.

A boa velha teve clarão nos olhos ao ver-me.

— Esta mocinha anda campeando cabelludas. Precisa de "umas par dellas" para a irmã que está muito malzinha no hospital. Já correu a cidade inteira, e nada. Quem sabe se o senhor sabe de algum pé por ahi? A pobrezinha vae morrer e seu ultimo desejo é chupar cabelludas...

— Sei. Sei onde ha cabelludas, respondi.

A physionomia de ambas illuminou-se.

— Onde? perguntou a velha, detendo o balanço da rede.

— Aqui. Eil-as! exclamei, theatralmente, despejando um bolso de cabelludas no collo da mocinha assombrada, enquanto a velha erguia as mãos para o céu, convicta de milagre.

Saí, impressionado. Atrás dessa cadeia de coincidencias haveria um ligador de elos? O desejo da doentinha; as pesqui-

zas da irmã; o meu achado; a minha visita á velha; o nosso encontro lá; as frutas no bolso, coisa que jamais fiz. Aca-so, coincidencia: palavras que definem a trama, mas não a explicam. E tudo na vida não é assim? Definimos, classifica-mos. Não explicamos coisa nenhuma. Falta-nos o sexto sentido.

Descoberta da polvora.

A alvorada do espirito critico nos no-vos fal-os descobrir, usar e abusar de lindos axiomas ineditos, creados pela pujança do cerebro em primavera. E elles exultam. Mais tarde, porêm, desco-brem, vexados, que taes maravilhas de ineditismo não passam de chavões em desuso, postos nos desvios por motivo de velhice. São novidades de cabellos bran-cos, notas recolhidas. Só então se con-vencem do *nil novi...*

Associações.

SUBITO, entrei a trautear mentalmente certo motivo da Aida, preludio de acto, o terceiro, creio. Motivo liturgico, rico de sons misteriosos e graves, que brotam do amago de templos mortos e dão melhor idéa do Egypto dos Ramézes do que todas as reconstituições eruditas.

Esse motivos musicaes caem-me no cerebro como sementinhas trazidas pelo vento, e ficam em repouso, latentes. Em dado momento, á suggestão duma cõr, duma palavra, dum cheiro, dum som, duma lembrança, entram a germinar e vibram durante minutos, durante horas, durante o dia inteiro, ás vezes. Depois, morrem de novo.

Quantos misteriosos pollens circulam no ar, e que grosseira é nossa embryonaria percepção...

A musica.

MARAVILHA das maravilhas! Ha meio seculo, num ponto da Italia, a mil legoas d'aqui, certo italiano, em momento de inspiração, sentiu aggremiar-se-lhe na cabeça nucleos de sons musicaes, que elle estylizou e metteu em certo melodrama.

Este phenomeno fixou em definitiva aquella forma de sons, phrase que eu hoje, cincoenta annos depois, a mil legoas de distancia, tenho a vibrar na memoria e trauteio em surdina, gosando a estranha seduçção que della emana. E na India, ás costas dum elephante, está a mesma aria bailando na memoria de um turista. E em Yako, quem sabe, um cantor de rua a está garganteando. E pelo mundo inteiro, durante seculos, quantas vezes não subirá á tona da memoria do homem, e o não trauteará elle, o motivo que o italiano creou? Essa fixação pela arte e essa transmissão pela

psychica, través do tempo e das legoas incontaveis, não é a maravilha das maravilhas?

Telepathia.

DONA Luiza recebeu da sua maior amiga um cartão de boas festas. Responde hoje, responde amanhã, só no quarto dia o fez. Mas ao lançar o sobre-scripto, apanha, num fremito este gelado phrenogramma: *Odette morreu.*

Meia hora depois o telegrapho confirmava o aviso psychico.

Mark Twain compoz bonito estudo sobre a telegraphia mental, denunciando a constante e inapercebida entre-influenciação dos cerebros. Transmissão de idéas, de planos de romance, "coincidencias" de todo o genero. O concepto da selecção natural, exemplo celebre, transmittiu-se de Wallace a Darwin, ou vice-versa. O mesmo sucedeu com o plano e

ideação do *Candide*, de Voltaire, e do *Rasselas*, de Johnson.

Quantos casos! A concepção do calculo diferencial, o descobrimento de Neptuno, a decifração dos hieroglyphos egípcios, a theoria ondulatoria da luz, a descoberta do equivalente mechanico do calor, da correlação de forças da telegraphia e do espectro.

O inventor, ou o a quem ocorre a idéa nova, transmitte-a por irradiação para o mundo inteiro, por intermedio de meios ainda não estudados.

Se tal onda topa no percurso algum cerebro receptor, entra e fica. Claro que passará por todos os cerebros. Só impressiona, porém, o cerebro receptor. As criaturas que presentem, possuem cerebro receptor. Pensamento que nos surge inopinado, fóra da seriação logica em que se associam as idéas, como explicá-lo se não como adventicio, como andorinha que pousou de passagem?

A unidade.

NÃO serão allotropias da gravitação universal o instincto e a intelligen-cia?

As petas.

GRANDE festa para a creançada, o primeiro de abril. De vespera todos dormem a planear petas, e mal se levantam principia a serra-zina.

Ruth, depois de esgottado o seu stock de petinhas para gente grande — lindas petas de um anjo de quatro annos, resolve pregar uma ao cachorrinho.

Tupy, está claro, cahiu, e ella, radian-te, vem contar a proeza.

— Tupy cahiu! Tupy cahiu!
 — Como foi?
 — Eu disse: Olhe, Tupy, um aero-plano voando. O bobo olhou. “Primeiro de abril! Primeiro de abril!” Se você visse a carinha delle...

Idéasitas.

O mais velho, que já lê jornaes, conta ao menor coisas da guerra, e fala da fome da Europa em termos de compungir.

— ... manteiga e carne, então, chii!... Só para os ricos, mais que ricos, só para os millionarios, e mesmo assim, só para enfeite.

— Não comiam?

— Que comer! Carne, quem pilhava uma isca, mandava logo fazer anéis, brincos de orelha — e as mulheres que tinham anéis e brincos de brilhantes morriam de inveja...

Graphologia.

É o espelho da nossa vida, a nossa letra. Nossa letra só *assenta* quando nossa vida assenta. Vida no ar, letra no

ar. Letra que balbucia, tacteando, procurando sua fórmula: vida de creança, vida de ser que se forma. Letra líquida, informe, que vacilla, varia e muda: vida de rolha á tona de vagalhões. Letra com solidez de moirões de cerca: vida crystallizada dos homens de vontade ferrea.

Feminilidades.

TODOS temos uma galeria de retratos femininos. Para a minha entrou um novo — o de dona Chiquinha. Mau nome, que não condiz o diminutivo com tão esplendida mulher. Trinta e cinco, por ahi, em pleno verão já laivado de outono. Carnes cheias, apertadas com fina elegancia em casemiras collantes. Nos cabellos negros — como santelmo desnorteado no escuro da noite, linda mécha a grisalhar. Seduz com a bocca. Como a tem viva, espirituosa! Labios irrequietos, com que arte elles affeçoam

as palavras que saem da bocca! Realmente, é isso! Os labios della dão um ultimo retoque ás palavras, retoque gentilíssimo, e fazem-nas revoar como aves raras. Todo o mundo diz — *cadeira* e se não junta qualificativos crea a mais incolor das imagens. Dona Chiquita, porém, modula tal palavra com nuanças que dispensam adjectivos. Se estofada, sae-lhe um *cadeira* macio; se de palhinha, dá-lhe tom de secca sobriedade.

Deixa cahir, quando conversa, a mais ironica, viva, mordaz e “pinturesca pintura” das coisas, dos factos e dos typos.

Imperceptivel *cecioso* contribue tambem, qual condimento subtilíssimo, para reforçar o valor sensitivo das palavras que modula. *Modula*, é bem isso!

A ouvil-a, como quem ouve musica nova, pilhei-me varias vezes. Falando de coisinhas insignificantes, ourivesaria miuda, affigurou-se-me uma Cellini instantanea, que idéa e realiza, incontíente, os mais caprichosos *capriccios*

verbaes. Seus labios valem por magico apparelho de transformar os sons que a garganta emitte em irrequietas joias, lavradas com arte que é a um tempo musica, expressão physionomica, sensação visual e capitoso vinho para o espirito.

A vida.

QUEM creou a famosa imagem do "banquete da vida", genio foi e da melhor agua. Perfeita!

O bebedo que não me sae da esquina lançou-se ao vinho, não despega dessa preferencia e bebe a sua parte e a de varios outros abstemios.

Dona Chiquita reserva-se os doces finos, os papos-d'anjo, as compotas; pesca as azeitonas tentadoras, lambisca, por extravagancia, um *pickles* redondinho, morde nesgas de fiambre.

O commendador abusa, despotico, da sua posição ao lado das iguarias solidas,

e mastiga com serena calma os bons rosbifes, os mocotós, os lombos, os queijos.

Já sua esposa, sempre queixosa, quer o que é raro e caro, as ostras, peixes de longe, *foie-gras*, empadas, seu calice de Borgonha.

Sára, a cozinheira, é o operariado. Não janta, não escolhe. Devora o que sobeja.

A copeira representa a classe média, industrial, vehicular. Pilha de passagem.

Os fortes.

NAS multidões, quando o povo cerra em massa, formam-se correntes em varios rumos, que morosamente defluem. Mas surgem individuos rebeldes, impacientes, que rompem a massa á força de cotovellos, justificando-os com brutaes "com licenças" e vão varando, ao arrepio das correntes, surdos á colera ti-

mida do rebanho. Lembro-me desses homens sempre que leio a palavra — *strugler for life*.

A velhinha.

A minha boa velha, lá do fim da rua, contou-me nova historia da sua cabra. Vim cheio de cabras na cabeça. Fui á Grecia ver a cabra de Jupiter, cheghei a Cachemira e tive a visão dos burricos de Poppéa.

D'ahi o povoar-se-me o sonho da manhã de magnificos animaes domesticos. Lembro-me dum trecho: lucta feroz entre formosissimo touro e um homem de pé sobre um carrinho de creança, tirado por grande bode preto.

Ao acordar-me, de nada me lembrei. Foi depois, ao ler umas paginas de Nietzsche, que dum jacto me veio o sonho e com elle a idéa de jogar na cabra. Fil-o e deu a cabra.

Tenho tres factos coincidentes: o sonhar com a cabra, o deliberar a parada e o dar o jogo. O segundo tem origem evidente no primeiro, mas o deliberar firmemente, de *convicção inconsciente*, já não contitue *precessus* singelo e cahe no terreno do inexplicavel; o advento do terceiro desnorteia-me.

Existiam já os dois primeiros quando o terceiro, increado até o momento de correr a roda, sobreveio. Existiu, sem germe causal.

Sem germe causal!... Como é facil o malabarismo das palavras! Para a mecanica das forças naturaes o futuro está rigorosamente predeterminado pelos factores que o terão como resultante. $A+B+C+D+\dots = F$. Em quanto se vão seriando os factores cuja resultante está no futuro, *pari-passu* se vae predeterminando o futuro, que não existe e já está condicionado. Isto é imagem grosseira do como procede o me-

chanismo da natureza, agindo com milhões de factores que em absoluto escapam á percepção humana consciente.

Consciente, porque pela percepção inconsciente esse total-futuro é ás vezes vislumbrado. Como? Ignoramos. Temos a palavra presentimento para nomear o phénomeno, e contentamo-nos com isso. A minha resolução de jogar, o meu palpite, não será uma dessas percepções inconscientes? Adivinhar! Palavra de sentido immensamente profundo. Será *conhecer*, por meio dum processo desconhecido, o que ainda se não effectivou, mas que se effectivará fatalmente? Adquiriremos um dia, o sexto sentido devinatório, que devassará o futuro como a visão devassa o espaço?

Jupiter tonante.

HA uma freguezia aqui perto que tem igreja mas não tem padre. Não ren-

de para sustentar um padre e lá não quer morar nenhum. Como ia para quatro annos que a igreja estava fechada, mandaram um daqui a desengafeirar-lhe as ovelhas.

Escolheram mal. Conego Pedreira é homem sanguineo, violento, pouco adequado a lidar com ovelhas. Fazendeiro, prefere amansar bois e acertar cavallos. Mas foi.

Logo ao chegar soube que a gafa maior era a do espiritismo, e deliberou pregar a fundo contra a nova religião.

Templo cheio. O padre, apopletico, mugiu horrores contra a novidade. Um padeiro espirita, que estava presente, insurgiu-se e bradou energico: — Não apoiado!

O padre subiu a serra.

— Quem foi o cachorro que deu não apoiado?

— Fui eu! retorquiu o heroico descendente da Brites de Aljubarrota.

— Pois ponha-se no olho da rua, já, sêo cão!

— D'aqui não sáio, que a igreja é pública.

A colera do padre foi a cem graus.

— Não sáe? Pois espere ahi!...

E botou-se do pulpito abaixo, arregacando as mangas. O poviléo, tomado de panico, disparou. Houve atropelo á porta. Uma creança esborrachou o nariz e varias mulheres torceram o pé. Esvaziou-se o templo e o conejo, prestes a rebentar de apoplexia, berrou para os ultimos retirantes:

— Cachorrada! Vão todos para o diabo que os carregue!

E trancou de novo as portas da igreja.

As mulheres.

NÃO sei de homem que se casasse com mulher cega ou aleijada e não ha cego ou aleijado que não encontre esposa.

Palestras femininas.

NUMA palestra de dona Stella....

Palestra é modo de dizer; numa audição é o certo, porque as mulheres, no geral, não conseguem manter o tom da conversação equilibrado no rythmo alternativo do — fala um, responde outro. Nada disso. O que elas querem é falar. Falar por falar. Falar a todo o transe, por fas e nefas, até á exhaustão.

Numa palestra de dona Stella desfilam reis, príncipes, arminhos, pelles de zebelina, casos de diplomatas, riquezas, millionarices, escândalos de bom tom, sabios, professores notáveis, rendas caras, joias, grandezas de toda a ordem. Embora principie a parolagem por assunto pobre, insensivelmente ella o guinda ao *édredon* onde seu temperamento se compraz.

Atavismo? Nada disso. Influencia de Ponson du Terrail, o visconde.

Malsão.

LA *BAS*, de Huysmans, é livro que tresanda a cadaver, e a cadaver de religião.

Cheiro de agua Labarraque, de pó de recantos de altar, de flores seccas, de fumo de cirios. Puro hospicio de doentes atacados de medievalismo atavico.

Carkaix, um catholico do seculo 13; *Mme* de Chantelouve, pura loba de sabat; Gevingey, egypciaco, perfeito subdito de um Phraó; Des Hermies e Durtal, dois medievos por atavismo, que repudiam o presente, sentindo-se por elle repelidos.

Livro que lembra a *podridão dos hospitae*, chaga medieva que a hygiene moderna supprimiu.

Dumas, pae.

KEAN, o velho *KEAN*!... Só hontem travamos conhecimento. Seduziu-me aquelle ar de nobreza que é o ambiente

dos seis actos. "Vae, besta de carga, agora que estás apparelhada, vae puxar essa charrua que se chama Shakespeare !" A super-humanidade do principe de Galles vale por fulguração de luz estranha, desses clarões de que nos deshabitou a arte de hoje, a arte democratica do documento plebeu, cujas retortas engafeiradas no cozimento de typos apanhados na rua, ou nas alfurjas immundas, emporcalham o tom d'alguma figura de pre-homem, que se procure tirar por ellas.

A Avareza.

UM Harpagão de 20 annos é absurdo.

A avareza cresce com os annos, porque vae tomndo no homem os espaços que outras formas de egoismo, com o tempo, deixam vazios

A felicidade dos outros dá ao infeliz a impressão de cruel injustiça. Pudesse

um cégo monopolizar os olhos da huma-
nidade e elle o faria, para os destruir. A
quem não mais pode gosar os prazeres
que o dinheiro dá, cada moeda subtrahi-
da ao gyro é prazer a menos nas mãos dos
outros. Os outros quer dizer os sãos, os
jovens, para quem o dinheiro é ainda o
meio mais seguro de adquirir felicidade.
O tio Grandet era velho; Shylock tam-
bem. Ha em Camillo um maravilhoso ava-
rento de sessenta annos, João Antunes.
De vinte annos nenhum foi posto em
scena.

Os velhos perdoam tudo, menos o
roubo. Para o moço o menor dos crimes
é esse.

"Errare"...

N O principio era o macaco. Integra-
do na natureza, a exemplo de toda
a animalidade, tinha, como todos os ani-
maes, a sabedoria dos instictos, a disci-

plina da cellula em um grande corpô, a afinação de uma nota no concerto universal.

A natureza, una, regia-se pelas leis communs que mais tarde philosophos chamaram biologicas. Ave ou peixe, mosca ou proboscida, a vida na terra evolvia num sentido profundamente sabio de adaptação, sob a vigilancia do deus unico — o Instincto.

Mas um macaco, certa vez, falseou de equilibrio em seu galho e caiu por terra. E ao cahir chocou num lagedo o craneo continente, de modo a lesar de lesão grave o cerebro conteúdo.

Lesão grave! Gravissima!

Lesão especialissima que determinou naquelles miolos um estado pathologico "sui-generis", absolutamente inedito e jamais repetido em tombo nenhum de nenhum outro ser vivente.

Consequencia: o lesado entrou a agir de maneira diversa dos seus irmãos. Em quanto estes, felizes, continuavam a vi-

ver na feliz integração da natureza, guiados sempre pelo deus interior, o macaco doente, vítima de eterna cephalalgia, punha-se de lado, *pensativo, a ver e a errar.*

Errava na escolha dos alimentos, errava na eleição dos galhos de pouso, errava na escolha das macacas.

Entre irmãos infallíveis, vivissimos e sadios, o pobre doente *distrabia-se*, todo elle movimentos morosos, incoherentes, e *pensava*.

A lesão fez abrolhar em seu cerebro o germem de uma coisa inedita para o mundo, que mais tarde se denominou — *intelligencia*.

Coisa nova, doença mental, desvio, força não prevista no plano biológico, mal susceptivel de evolução imprevisivel, norteada para rumos não sonhados pela mechanica da vida. E mal que se perpetuaria na descendencia do macaco lesado, dando como resultante o *homo*.

Hoje, com milhares de annos de per
meio, nós, descendentes do pensativo ini
cial, sentimos no cerebro a força já im
mensa que resultou da lesão.

A dor de cabeça persiste e força-nos a
caminhar sempre em divorcio com os
sabios mandamentos de *Bios*.

Criação extra-natural, rebelde ás leis
da unidade, evolue sempre, cresce e ar
rasta comsigo o ser parasitado, como o
cancro arrasta e determina o canceroso.

E o *homo*, triste descendencia de um
individuo lesado, vê toda a especie feliz,
parada no admiravel equilibrio que o
Instincto crea.

E queixa-se.

E toma aspirina.

E multiplica-se, e inventa, e crea, e
faz-se o genio novo da terra, algo super,
a coisa extra, o desnorteante flagello do
planeta e o peor flagello de si proprio.

E é soberanamente infeliz.



INDICE.

	Pag.
Justificação	5
Creanças	7
Originalidade	8
Moeda	9
Balzac	9
Molière na roça.	11
Recordando.	12
O beijo das moças	14
Um contador	14
As creanças	15
Os inimigos	15
Camões	16
Cidades Mortas.	17
Da ironia.	17
Documento humano	18
Leituras	19
Ao luar	19
Paizagem	20
Brancuras	21

	Pag.
O povo	22
Visão lateral	22
Idade Media	23
Linhas tortas	24
Solidão	25
Novidade	26
Sensação	26
Do direito	27
As locuções	27
O velho e a "estrella"	29
Doloroso	30
Sempre doloroso	31
O juiz classico	31
Livros	31
Ambientes	32
Cabecinhas de boneca	32
O manual de civilidade	33
Nautica infantil	33
"Avis-rara"	34

	Pag.
Crime e Sonho	36
Quadros da vida	37
Loterias	38
Varão de Plutarcho.	39
O grande theatro	40
Visão de Nietzsche.	41
A velhinha	42
Incesto	43
Em 2527	46
Engraçados	47
Velocidade	48
A tolice	49
De Nietzsche.	49
Onomatopéa leonina	50
Vestido novo	51
Crear	51
Ellas.	51
O amor e o silencio	52
Citar.	52

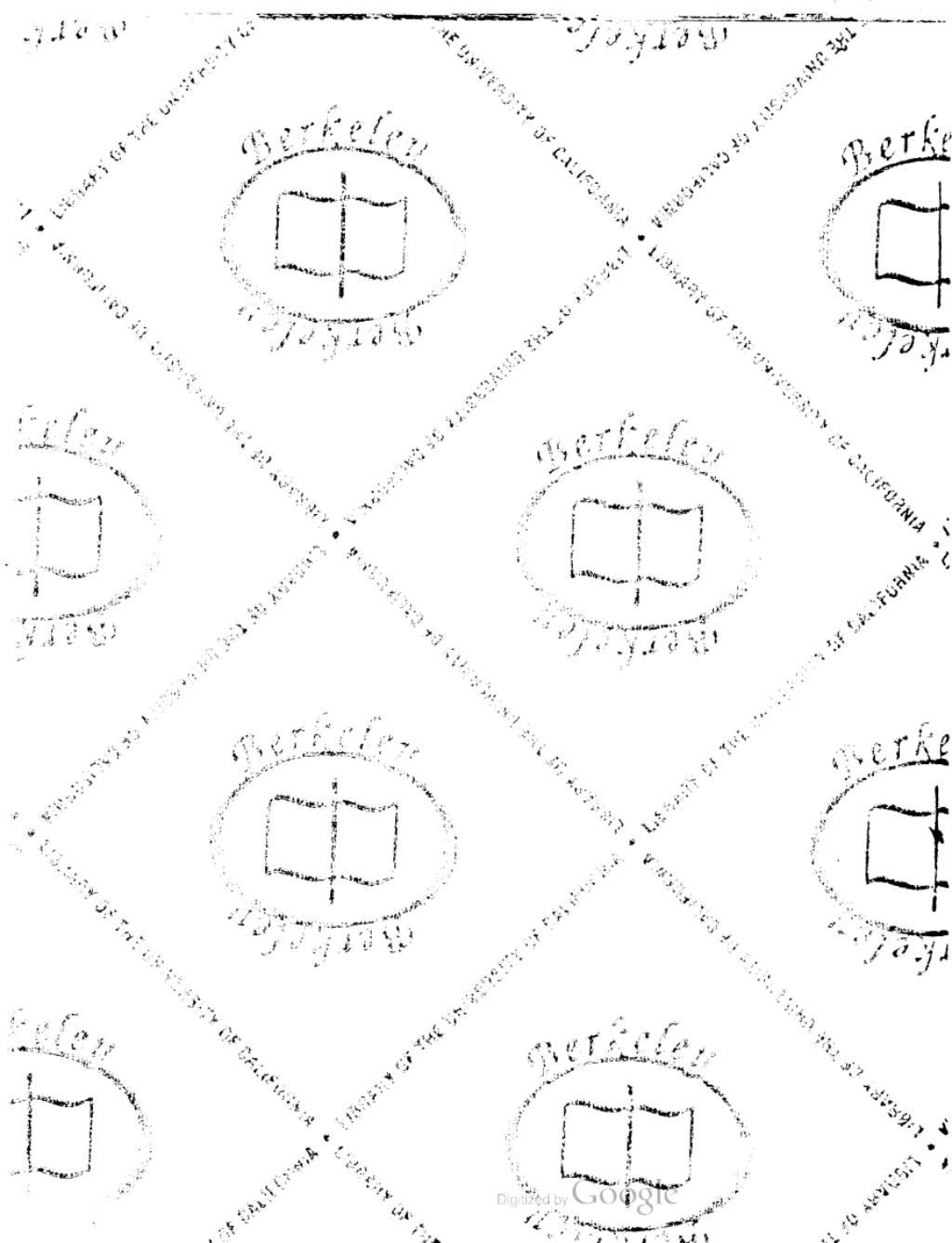
	Pag.
Physiologia barata.	52
Comedias tragicas	53
A残酷 da natureza	57
Justiça e logica	57
Ouro-força	58
Philosophias	59
Zola	61
Seja claro	62
Optimismo	62
Morrer	63
As garças.	63
Cucas	65
A convicção	66
Antanho	68
A gravata.	72
Incomprehensão.	73
Falar... Ouvir....	74
“Sancta simplicitas”	75
Mulheres	76

	Pag.
Raposa velha	77
A crosta	78
Ares propicios	79
Flor que emurchece	79
Traduzir	80
Momo.	80
A formosura.	81
Vidinha estreita	82
“Tedium Vitæ”	83
Indecisão	83
A miseria	85
O romance	86
Borboletas	88
A idade feliz.	89
As moscas na vidraça	90
Mentir	92
No hospital	92
Fraqueza	94
O alvorecer	94

	Pag.
Despotismo	95
Os guryas	96
Homem, Mulher.	97
Cacoetes	98
Os Joés	98
Curiosidade	99
O pittoresco	100
A pequena rata	101
O nababo	101
Vaselina	102
Turismo	102
Um "prestante" cidadão	104
Sol e pombos	105
A arte de viver	107
O forte e o fraco	107
Oradores	108
Idéas de velho	109
Eça	109
"Dom Paez"	110

	Pag.
Lugubre	111
Dois polos	113
Arte	113
Fé e scepticismo.	114
Cortar	115
Fraqueza congenita.	116
Thema para um pintor	116
As circumstancias	116
Sarah	119
Guardar a compostura.	120
A' beira do X	121
Acaso?	121
Descoberta da polvora	124
Associações	125
A musica.	126
Telepathia	127
A unidade	129
As petas	129
Idéasitas	130

	Pag.
Graphologia	130
Feminilidades	131
A vida	133
Os fortes.	134
A velhinha	135
Jupiter tonante.	137
As mulheres.	139
Palestras femininas	140
Malsão	141
Dumas, pae	141
A avareza	142
“Errane...”	143



U.C. BERKELEY LIBRARIES



0096220299

Berkeley



Berke



Berke



Berke



Berke



Digitized by Google

Do mesmo Autor:

URUPIAS, contos.

broch. 4\$000; enc. 5\$000

IDEAS de JOSCA TATO, critica.

broch. 4\$000; enc. 5\$000

CIDADES MORTAS, contos e impressões.

broch. 4\$000; enc. 5\$000

NEGRINHA, contos.

broch. 4\$000; enc. 5\$000

ONDA VERDE, jornalismo.

broch. 4\$000; enc. 5\$000

O PROBLEMA VITAL, hygiene e sociologia — Exgottado.

NARIZINHO ARREHITADO, phantasia.

cart. 3\$500

FABULAS, phantasia.

broch. 3\$000

O SACY, phantasia.

broch. 2\$500

O MÁRQUEZ DO RABICÓ, phantasia.

enc. 2\$000

Preço: 4\$000

Off. Graphicas MONTEIRO
LOBATO & Co. - S. PAULO